

FACULDADE PADRE JOÃO BAGOZZI

JOSÉ LUIZ DE CARVALHO

A CONQUISTA CHINESA DA AMÉRICA: O IMPÉRIO DO DRAGÃO

*“Estudos Sobre as Conquistas da América e do Brasil Antes de Cristóvão Colombo
e Pedro Álvares Cabral”*

**CURITIBA
2006**

JOSÉ LUIZ DE CARVALHO

A CONQUISTA CHINESA DA AMÉRICA: O IMPÉRIO DO DRAGÃO

“Estudos Sobre as Conquistas da América e do Brasil Antes de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral”

Monografia apresentada como requisito à obtenção do grau de Especialista no Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em História e Geografia do Paraná da Faculdade Padre João Bagozzi.

Orientador: Prof^o. Geysso Germinari

**CURITIBA
2006**

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ LUIZ DE CARVALHO

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Pós-Graduação (*lato sensu*) em História e Geografia do Paraná da Faculdade Padre João Bagozzi.

AVALIAÇÃO

CONCEITO: _____

PARECER DO ORIENTADOR: _____

Orientação: _____

Profº. Geyso Germinari

CURITIBA, ____/____/____

Dedicamos este trabalho especialmente aos
nossos familiares e amigos de pesquisa e
labuta.

Agradecemos às nossas esposas e filhos, ao Prof^o. Geyso Germinari pela orientação do trabalho, ao pesquisador Gavin Menzies pela originalidade de sua obra, aos pesquisadores que não têm medo de ousar, às pessoas que, mesmo indiretamente, contribuíram para a realização da pesquisa e aos deuses do vento que conduzem as naus para oceanos distantes.

“O guarda disse aos macacos que eles teriam duas bananas pela manhã e três à tarde. Os macacos acharam muito ruim. Então o tratador disse-lhes que teriam três pela manhã e duas à tarde. Os macacos, então, ficaram muito contentes com essa decisão.”

Chuang Tzu

SUMÁRIO

RESUMO	8
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – MISTÉRIOS DO ALÉM MAR	12
1.1 Marco Polo: o ocidente encontra o oriente.....	12
1.2 As antigas navegações chinesas e contatos.....	15
CAPÍTULO II – OS ESTRANGEIROS NA AMÉRICA	18
2.1 Os chineses do século XV.....	20
2.2 A saga do império do centro do paraíso.....	22
2.3 A libertação do jugo mongol.....	23
CAPÍTULO III – 1421: O ANO DO DRAGÃO	25
3.1 A composição das frotas e a astronomia.....	27
3.2 O fim da frota do tesouro. As mortes de Zheng He e Zhu Di.....	29
CAPÍTULO IV – A EUROPA TOMA O LEME	30
4.1 O aprendizado: mapas e rotas marítimas.....	31
CAPÍTULO V – ERAM OS DEUSES ORIENTAIS?	34
5.1 Índios e chineses na América Meridional.....	34
5.1.1 Quem foi Zhou Man?.....	34
5.2 O mito de Yvy Marã Eï.....	34
5.3 Uma hipótese.....	35
5.4 O Peabiru.....	36
5.5 O Caminho do céu.....	37
CONCLUSÃO	39
GLOSSÁRIO	41
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	46

RESUMO

Durante o século XX, com reminiscências do XIX, muitos estudiosos se dedicaram ao estudo da ocupação do território americano. Inúmeros trabalhos foram produzidos, com suporte na Antropologia, na Arqueologia e na Etnologia, principalmente. Dois clássicos do início do XX ainda perduram: *As origens do Homem Americano* de Paul Rivet e *A Gênese do Índio Americano* de Ales Hrdlicka. Este último tornou-se uma referência; e não fazia recuar a ocupação do território americano há mais de 25 mil anos. Ele indicava que grupos asiáticos teriam chegado ao continente através do Estreito de Behring, no decorrer da última glaciação. Estes grupos teriam se dispersado da parte setentrional da América do Norte, e, assim, tomado o continente até os confins da América do Sul. Já Rivet procurou demonstrar que a ocupação do sul do continente, nos confins da Terra do Fogo, teria se dado por grupos que migraram da Austrália, via território antártico, chegando à América. Desde modo, redimensionando a idéia de ocupação primitiva do continente por diversas frentes, não somente pelo fronte ártico.

Ainda na América do Sul, no caso brasileiro, o clássico trabalho de J. Emperaire e A. Laming *Os Sambaquis da Parte Meridional do Brasil* situa os nossos concheiros primitivos entre 6 mil anos. Mais ou menos no período de transição para o ótimo climático pós-glacial, no neolítico. O chamado *Homem de Lagoa Santa* descoberto em Minas Gerais ainda colocava os primitivos sul-americanos dentro desse período histórico. Trabalhos arqueológicos recentes, porém, como em Boqueirão da Pedra Furada, no nordeste do Brasil, acabaram criando novas controvérsias, ao promover datações que recuam há cerca de 40 mil anos. Longe estão as controvérsias de serem sanadas. Hoje, por conseguinte, está “praticamente aceita” a hipótese de ocupação do continente através de várias frentes, tanto pelo norte, como pelo sul e centro da América.

Desde então, muitas pesquisas sobre posteriores contatos entre os povos americanos modernos, herdeiros desses primitivos ocupantes, e povos de outros continentes têm sido realizadas em História, Geografia, Arqueologia e tantas outras áreas do conhecimento. A maioria delas sérias e compromissadas com a tentativa de contribuição com os estudos históricos. E aqui se situa nosso tema central.

Nesta linha destacam-se os trabalhos de pesquisadores pioneiros da história da América vista não somente no âmbito da conquista europeia, mas da possibilidade de conquistas anteriores a Cristóvão Colombo e, ainda, de contatos mais antigos e freqüentes entre os povos americanos e os asiáticos. Todas essas bibliografias estão relatadas e minimamente analisadas no contexto da nossa dissertação. Quase todos esses trabalhos (alguns produzidos já no século XVII) foram rejeitados pela historiografia oficial.

O livro revolucionário de Gavin Menzies, *1421 – The Year China Discovered America* e o de Louise Levathes, *The Year China Ruled the World*, ambos não encontrados em língua portuguesa do Brasil, permitiu-nos navegar por essas outras histórias americanas. Nosso trabalho, assim, traça uma nova rota de estudos. Estudos sobre a história americana antes de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, no caso brasileiro. Primeiramente, fizemos uma abordagem desses trabalhos sobre conquistas antigas do continente, anteriores à idade média europeia; para, por conseguinte, fazer uma ligação com nosso tema principal que é a chegada chinesa à América no século XV, antes dos europeus.

Depois nos dedicamos a uma temática paranaense. Que é a possibilidade de contato dos índios brasileiros - destacados os Tupi (Guarani) - com esses conquistadores chineses e algumas possíveis interpretações de um dos seus mitos, a Terra Sem Males, e do caminho histórico do Peabiru.

Longe de intentarmos a verdade, nosso trabalho se põe como uma abordagem nova da nossa história e uma contribuição aos estudos. Tencionamos que a história da América se redimensione com novas e sérias especulações. O trabalho de Gavin Menzies o entendemos com uma visão extremamente crítica, o seu primado é a originalidade: se comprovar-se-á esperamos seriamente que sim, ou que não.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem a intenção de contribuir com os estudos sobre a América e o Brasil, principalmente aqueles que dizem respeito a conquista e colonização do continente, outrora totalmente indígena. Aprendemos desde os mais tenros anos escolares a entender esse vasto continente a partir de algumas referências históricas pré-determinadas, são elas: a separação entre continente pré-colombiano, antes da chegada de Cristóvão Colombo em 1492, século XV da nossa era, onde vigorava o domínio de inúmeras nações indígenas desde o Alasca no Hemisfério Norte até a Patagônia no Sul; e a América pós-colombiana, onde tem início o período colonial com as conquistas ultramarinas dos europeus. E com relação ao Brasil, a separação entre a chegada, oficial, de Pedro Álvares Cabral, em 1500, e as conquistas coloniais espanholas e portuguesas.

Isto, no entanto, é o que aprendemos com a historiografia oficial, a que predominou, sem dúvida, na história geral do continente. Longe de questionarmos a veracidade da colonização européia - não é esse o tema essencial da nossa dissertação -, interessa-nos vasculhar (se nos é permitido o termo pouco científico) as teses sobre as conquistas anteriores da região. A possibilidade de contatos muito mais antigos entre os povos indígenas do continente e expedições ultramarinas anteriores as européias, demarcadas pelas datações oficiais apresentadas acima.

A maioria de nós, sem dúvida, aprendeu a soletrar essas datas nas nossas antigas aulas de história. Com isso, se solidificou em nosso entendimento uma América estanque, isolada, somente aberta ao mundo europeu, à “civilização” propriamente dita, com a chegada desses “grandes personagens”. Inúmeros trabalhos, porém, têm sido apresentados, e pouco divulgados, sobre as conquistas anteriores. Pesquisas têm comprovado a ocupação nórdica do noroeste do Canadá e dos Estados Unidos no Século X da nossa era, inclusive com a fundação de colônias. Thor Heyerdahl, o grande navegador norueguês, através do seu trabalho *Kon Tiki* (editado pela primeira vez em 1950), encontrou semelhanças entre os barcos de junco, os mitos e as lendas dos habitantes do Equador e do Peru com os da Polinésia. Construiu um desses barcos seguindo as técnicas antigas e navegou entre a Polinésia e o Equador, em 1947, provando definitivamente que havia um rota de navegação pelo Pacífico sul. E que os polinésios, em tempos imemoriais,

podem ter alcançado o continente por essa rota. Ratificou, com isso, a possibilidade de várias rotas de ocupação da América, não só pela tese de Hrdlicka, proposta nas primeiras décadas do século XX, da conquista pelo Estreito de Behring. Segundo Heyerdahl, esses contatos teriam se dado muitas vezes mais, mesmo depois das primitivas ocupações da região.

Alguns pesquisadores acreditam que os mouros, muçulmanos, podem ter alcançado à América muito antes do Século XV. Colombo encontrou homens de pele negra e grande conhecimento no Caribe, tidos por alguns como grupos deixados por esses conquistadores. Já no século XVIII, alguns pesquisadores, como o francês Joseph De Guignes, apontam para algo ainda mais surpreendente. Além das possíveis relações primitivas, anteriores a era cristã, entre os grupos asiáticos e americanos, nas tradições culturais Olmecas, Toltecas, Astecas e Maias encontram-se influências budistas, sobretudo na religião. Para De Guignes isso se deve a visita de monges budistas à América no século V D.C., pelas rotas do Pacífico norte. Esses monges teriam deixado preceitos do budismo entre esses povos, construtores de pirâmides, da América Central e do Norte.

CAPÍTULO I

MISTÉRIOS DO ALÉM MAR

1. 1 MARCO POLO: O OCIDENTE ENCONTRA O ORIENTE

Marco Polo, mercador, navegador e, possivelmente, espião veneziano, esteve no Império de Kublai Khan entre 1271 e 1295, século XIII. Nestes tempos os vastos territórios chineses estavam sob o controle dos mongóis e o neto de Gengis Khan – o grande senhor das estepes do norte – reinava na então capital mongol Karakorum, nas vizinhanças do Deserto de Gobi. Marco, então somente com dezessete anos, acompanhando de seu pai Maffeo Pólo e o tio Niccoló Polo encantou-se com aquele formidável império do oriente. Consta que como mensageiro e confidente trabalhou para o grande Khan, Kublai (Kubilai, Quibilai) até o seu retorno à Veneza em 1295. Marco Polo teria vagueado por grande parte do império do norte e chegado até os reinos de Catai e Mangi, o que seria a grande China.

Esta conquistada por Kublai, tombou perante o poder mongól. As grandes muralhas, já parcialmente construídas à época ao norte de Beijing, não conseguiram segurar o avanço dos exércitos do grande Khan. Este tomou praticamente todo o norte e ensaiou seu avanço para a conquista do Japão. Kublai, ao que consta, foi tolerante com a religião budista e confucionista do império chinês e até tolerou a prática, mesmo adotando-a. Marco então iniciou sua grande saga pelo reino das maravilhas do oriente, encantou-se com a sabedoria impregnada pelo budismo do império, com os avanços tecnológicos, sem precedentes à época, e com a fantástica armada marítima sino-mongólica, então comandada por Kublai.

Quando retornou para Veneza, em 1298, Marco Polo teria “escrito”, ou melhor, provavelmente, ditado sua grande obra (que encantaria os europeus medievais e abriria as portas para um reino de maravilhas. Um mundo de encantos e avanços, que os europeus nem sequer sonhavam). Dissemos, ditado. Porque em

1.298 Marco esteve confinado em uma prisão Genovesa e ali conheceu um escritor de nome Rustichello de Pisa, para quem teria relatado sua grande saga. Assim, nasceu o *Divisament dou Monde*, ou *A Descrição do Mundo*, ou *O Livro das Maravilhas*. No prólogo Marco diz, ou Rustichello escreveu, que o livro foi escrito para ocupar o ócio na prisão e oferecer entretenimentos para os leitores.

Veneza, Gênova e Florença eram os grandes centros comerciais, e culturais, europeus nesta época. Por estas cidades entravam grande parte das mercadorias orientais para a Europa e saíam os produtos europeus comercializados com o oriente. Veneza, situada na cabeça do mar Adriático, era a porta de entrada e saída para o Mediterrâneo e, dali, para Constantinopla, na embocadura do Mar Negro. De Veneza também partiam os mercadores que comercializavam com os africanos e os árabes, pelos portos de Alexandria, Acre e Antioquia. Nestes tempos, o comércio exterior se dava por um sistema denominado *Colleganza*. Um tipo de contrato no qual o viajante, o contratado, fornecia um terço do investimento para as viagens de negócios e o contratante, o associado ao negócio, dois terços. No final os lucros eram divididos igualmente. O contratado assumia o risco da aventura pelos mares e terras, o outro ficava em casa e arcava com as maiores despesas. No final todos lucravam. A família Polo fazia parte desta tradição e com este sistema se tornaram bem sucedidos. Marco Polo, portanto, era descendente de uma antiga tradição comercial.

As circunstâncias da prisão de Polo em Gênova, em 1298, não são muito claras. Mas a de Rustichello se deve, provavelmente, a batalha naval de La Meloria, entre Pisa e Gênova, o que fez muitos prisioneiros. Aprisionado em Gênova, Rustichello, o pisano, teve muito tempo para ouvir as histórias do seu companheiro de “calabouço” (consta que nobres como eles não ficavam em prisões imundas, mas em casa de famílias que os recebiam como prisioneiros) e, ao que parece, redigir as narrativas de memória do grande contador de histórias Marco Polo. Para muitos autores, portanto, a *Descrição do Mundo*, ou *O Livro das Maravilhas*, é uma obra de co-autoria. A memória e a imaginação fértil de Polo e a pena de Rustichello.

Para alguns autores nosso escritor seria uma lenda, tais quais as histórias criadas por ele. No entanto, a historiografia registra duas obras de Rustichello, que escrevia em francês (nesta língua redigiu os relatos de Polo), que são: *Gyron le*

Courtois avecque la devise de armes de tous les chevaliers de la table Ronde; e Meliadus de Leonnoys eessemble plusieurs autres nobles proesses de chevalerie faictes par de Roy Artus, Palamedes et Galliot de Pré (O cortesão Gyron e todos os contos dos cavaleiros da Távola Redonda; e Uma reunião de histórias de todos os feitos cavalheirescos do Rei Arthur e de outros cavaleiros da Távola Redonda). Por isso, alguns autores questionam as memórias de Polo e vêem nelas uma lapidação de Rustichello, inclusive com a utilização de sua estilística para a descrição de contos fantásticos, dadas as suas duas obras sobre os feitos nobiliárquicos e cavalheirescos do Rei Arthur e seus companheiros. Conforme aponta Frances Wood, no seu *Marco Polo foi à China?*, o texto do *Descrição do Mundo* nunca é narrado em primeira pessoa. O livro, assim, adquire a característica de uma não narrativa pessoal, o que indicaria uma co-autoria com Rustichello.

Porém, antes do questionamento sobre as veracidades das histórias de Marco Polo, interessa-nos as relações entre oriente e ocidente. Eram mundos à parte. A Europa medieval, mergulhada nos conceitos éticos e morais do cristianismo aristotélico, temia, e pouco conhecia, o oriente, com suas lendas e riquezas. Estas os europeus sabiam e, muito cobiçavam, pois as cruzadas dos séculos XI, XII e XIII (1096 a 1270) foram épicos de libertação da terra santa e saques das enormes riquezas da região. Assim, o interesse pelos mongóis não era novo. E os europeus temiam o avanço para o centro da Europa das hordas (do termo turco *Ordu*, que significa acampamento de tendas) mongólicas, que lá pelo ano de 1242 já haviam chegado quase em Viena, quase no coração da Europa. Os Polos, portanto, num certo sentido representavam, eram como embaixadores, a Europa junto ao khanato de Kublai, o grande conquistador.

E destas relações e com o aparecimento do grande império mongól a Europa definitivamente conheceu a China. O grande império do oriente, de milhares de anos de história e inúmeras dinastias; agora sob o domínio de Kublai Khan, que estabeleceu a nova capital, Ta-tu, ao norte onde é hoje Beijing.

Os chineses já eram exímios navegadores e construtores dos grandes barcos e navios de junco, os *CHUAN*. Os *BAO CHUAN*, que significa navio do tesouro, dominavam o comércio com todo o Mar da China até Calicute, nas costas da Índia. Navegavam por todo o Índico até Moçambique e, certamente, já tinham chegado à Austrália. O grande império do centro do paraíso era a maior nação do oriente e

predominava no comércio com os japoneses, os árabes e os africanos. Os Bao Chuan navegavam por todo o oriente.

1.2 AS ANTIGAS NAVEGAÇÕES CHINESAS E CONTATOS

E é a partir desta abordagem que transita nosso estudo. Num livro intrigante chamado *Gods from the Far East: How the Chinese Discovered America* a pesquisadora americana Henriette Mertz lançou novas perspectivas sobre as conquistas da América, ou primitivas relações entre os povos orientais e os americanos. Consta que na primitiva China lá pelos anos de 2250 antes de Cristo foi escrito um livro de descrição de viagens chamado *Clássico das Montanhas e dos Mares*. Ele relata viagens e pontos geográficos de um terra distante, onde nascia o sol para os chineses. Esta terra distante era denominada pelos chineses de *Fu – Sang*. Pelo estudo, magnífico, de Mertz todas as descrições coincidem com acidentes geográficos da costa oeste americana, desde o norte do Canadá, passando pelas regiões noroeste e sudoeste americana e indo até o México. Teriam os chineses navegado, já há 2 mil anos antes de Cristo, até as costas da América, pelo Pacífico. Esta é uma questão intrigante.

Segundo Mertz o primeiro estudo sobre estes escritos chineses antigos foi feito pelo pesquisador francês Joseph De Guignes, que publicou um livro intitulado *Pesquisas Sobre as Navegações dos Chineses Para as Costas da América e Para Outras Regiões na Extremidade Oriental da Ásia*, em 1761. De Guignes foi o pioneiro destas pesquisas, já no século XVIII, depois seguidas por muitos outros; estas, porém, foram esquecidas pela historiografia oficial sobre as conquistas do mundo novo. Assim, teriam os antigos chineses chegado a América nestes tempos?; e, ainda mais, teriam eles tido contato com os povos indígenas americanos?. Estes oriundos em tempos imemoriais da própria Ásia. Mertz acendeu a chama de antigas controvérsias. Fu - Sang seria uma lenda, ou era a América na descrição desses antigos viajantes e relatores de paisagens exóticas?. Se assim for, *O Clássico das Montanhas e Mares* torna-se o mais antigo documento sobre o continente, isto há milhares de anos antes de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, no caso do Brasil e da América do Sul.

Traz-nos este tema algumas indagações: se os chineses conheciam além do seu mar interno e navegavam para o leste, é possível que tenham chegado às costas ocidentais da América pelo pacífico e tenham tido contato com os nativos americanos. Poderíamos encontrar influências recíprocas entre os orientais e os povos americanos?. Para compilar um material de descrição como no *Clássico* estas navegações deveriam ser mais comuns do que se imagina. Talvez navegassem esses antigos orientais pelas Ilhas Aleutas e chegando no norte do continente americano, simplesmente navegavam depois para o sul acompanhando a costa.

Na esteira desses estudos, muitos outros foram publicados; porém esquecidos pela historiografia oficial. Edward Vining publicou em 1885 um estudo intrigante intitulado *An Inglorious Columbus: or Evidence that Hwui Shan and a Party of Buddhist Monks from Afghanistan Discovered America in the Fifth Century AD*. O Estudo levanta a hipótese de que no século V depois de Cristo Hwui Shan, um monge budista, teria chegado à América e tido contato extremo com os nativos americanos. A influência, e as pregações, de Hwui Shan seriam maiores do que imaginamos e atestaria o que esses estudiosos pioneiros chamam de influências budistas nas culturas ameríndias Astecas e entre os Maias, sobretudo. Seria possível encontrarmos influências budistas nas culturas Maias e Astecas?

Neste ponto provocamos uma convergência histórica inusitada. Se Marco Polo viajou com as armadas de Kublai Khan, no século XIII, navegou por rotas conhecidas há mais de dois mil anos. Alguns acreditam que Polo chegou ao Pólo Norte com uma expedição sino-mongólica; assim percorreu as rotas antigas já trilhadas há milhares de anos pelos navegadores chineses antigos e por Hwui Shan no século V da nossa era. Talvez, então, as navegações no oriente fossem mais avançadas do que imaginamos; enquanto a Europa migrava de um mundo bárbaro, com o auxílio das culturas gregas e romanas, para a civilização. A civilização, de fato, já existia no oriente há mais de 2 mil anos. As descrições de terras distantes e a elaboração de cartas já era então uma antiga prática dos orientais.

No bojo dessas histórias épicas é que a civilização chinesa, nas suas inúmeras dinastias, passará pela Dinastia Ming, entre 1368-1644 DC. Ocasão em que todo este curso civilizatório lhes permitirá novamente navegar, durante o império de Zhu Di, ou Yong Le (Alegria Eterna), o terceiro da Dinastia Ming, por todo

o mundo conhecido. Desta vez, entre 1421 e 1423, chegariam novamente à América, mas através do Atlântico, navegando para o oeste e chegando às costas orientais do mundo novo. Chegariam também à Flórida, à Groenlândia, à Venezuela, ao Brasil, ao Estreito de Magalhães (antes de Magalhães) e ao Peru, através do estreito, de leste para oeste. Os imensos Bao Chuan estavam então sob o comando do grande almirante eunuco Zheng He e outros almirantes ousados.

CAPÍTULO II

OS “ESTRANGEIROS” NA AMÉRICA

Gerações de pesquisadores têm se dedicado ao estudo da conquista da América. Muitas abordagens têm sido feitas, muitas delas acrescentando valiosas informações. Estas se somam aos estudos antropológicos e arqueológicos, que demarcam a presença dos primeiros habitantes no território, antes da evolução. Porém, a mais árdua das tarefas é a busca em desvendar as “feições” dessa América indígena, pré-colonial, ainda nem sequer assim batizada com o nome do vetusto navegador europeu Américo Vespúcio. A América dominada por essas inúmeras nações indígenas, desde o sul da Patagônia até os confins do Alasca, antes dos **homens europeus**.

O nosso negrito em homem europeu passa, agora, a indicar o nosso caminho. Porque aqui começa, prioritariamente, a nossa abordagem específica sobre a conquista desse imenso e grandioso território.

Traçaremos um caminho inverso em nossa abordagem. Primeiro procuraremos explanar a possibilidade de um equívoco sobre a assertiva histórica de que foram os europeus os grandes descobridores do território. Veja-se bem: questionamos o descobrimento, o encontro pioneiro do continente, não a colonização, obviamente. A conquista histórica do território pelos europeus é inegável. Para questionar tal fato aceitamos, assim como toda a historiografia oficial, a referência preliminar de que a América passa a existir materialmente, e oficialmente, para os europeus a partir da chegada de Cristóvão Colombo, em 1492, o descobridor do continente. Nosso estudo em nenhum momento questiona a descoberta de Colombo, porém, à luz de novas abordagens, que também devem ser postas à prova científica, questiona sim se foi Colombo o primeiro a aportar no continente. Para tanto, lançamos mão do estudo de Gavin Menzies e tantos outros.

Sabe-se, por exemplo, que o navegador viking Leif Ericsson explorou e fundou colônias na América do Norte, lá pelos anos de 900 DC, século X. Leif, ao que consta, teria fundado a colônia de Vinland, no nordeste do atual EUA, fronteira com o Canadá. Vestígios arqueológicos dessa ocupação nórdica ainda se encontram no local.

O navegador e explorador norueguês Thor Heyerdahl relata em seu livro *Kon Tiki* a navegação que fez pelo Pacífico, utilizando somente barcos de junco, feitos pelos nativos nas costas do Equador. Segundo Heyerdahl, eram nesses barcos de junco que os antigos navegavam pelo Pacífico, entre a Costa Sul-Americana e a Polinésia. Heyerdahl aponta similaridades entre as culturas nativas das costas do Equador e do Peru com as Polinésias, demonstrando, por seu turno, que são povos irmãos: ancestralmente, possuem a mesma origem cultural, ou pelo menos, haviam rotas de navegação “constante” pelo Oceano Pacífico. Com isso, aponta que a ocupação da América deve ser bem mais antiga do que se prevê e que as rotas de navegação eram diversas e os antigos nativos polinésios e americanos dominavam técnicas sofisticadas para a época de navegação e construção de barcos, além de conhecerem os fenômenos celestes e marinhos que lhes orientavam nessas incursões em alto mar.

Para Heyerdahl os contatos entre povos asiáticos e americanos eram muito mais freqüentes do que se imagina. E no decorrer dessas incursões, inter-relações culturais foram se processando. O professor Abdullah Hakim Quick publicou um livro denominado *Deeper Roots: Muslims in the Americas and the Caribbean from before Columbus to the Present*, abordando o livro do antigo historiador e geógrafo muçulmano Al Masudi (871 – 957 DC). Al Masudi relata a viagem de um navegador mouro chamado Ibn Aswad, que teria cruzado o Atlântico em 889 DC e chegado à América. Al Masudi compôs também um mapa do mundo para o livro, já com a América esboçada.

Isto nos permite especular a América com outros olhares. Por isso, perfizemos, sintetizadamente, esse trajeto desde a nossa introdução: a América e suas primeiras ocupações e que, a partir de então, não esteve tão isolada como imaginamos. Posteriormente, contatos entre povos americanos e asiáticos podem ter sido mantidos e já na era cristã, e antes de Colombo, o continente possivelmente foi alcançado por outros navegadores, como os chineses “medievais”. Assim, podemos deixar de pensar uma América isolada. Sempre compreendemos a América a partir da Europa e da conquista européia seiscentista, pela via atlântica, não costumamos pensá-la pela via pacífica; e aí os contatos podem ter sido mais intensos do que se pensa.

Por enquanto, no entanto, e é esse o objetivo principal da nossa dissertação, nos concentraremos na exploração chinesa do século XV e sua saga pela América, por ambas as vias. E através do Oceano Atlântico cerca de setenta anos antes de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral; para finalmente apontarmos possíveis relações com o remanescente das culturais índias Tupi-Guarani, no Paraná.

2.1 OS CHINESES DO SÉCULO XV

Interessa-nos, a respeito dos chineses, essa nova abordagem. Ela nos traz uma nova luz para a história da América e, em especial, da América do Sul. Segundo o pesquisador inglês Gavin Menzies, no seu livro *1421 – The Year Chinese Discovered America*, editado em 2004 somente em língua inglesa, os chineses, nos seus imensos barcos de junco, teriam circunavegado a América e tido contato cultural e comercial com os nativos cerca de setenta anos antes dos europeus. E ainda, de acordo com Menzies, os europeus conseguiram se aprimorar na busca de novas rotas oceânicas utilizando os mapas chineses.

Durante a Dinastia Ming (1368 – 1644 DC) floresceu o grande imperador Zhu Di, que reinou entre os anos de 1403 a 1424. Zhu Di, o terceiro imperador da dinastia, libertou a China do jugo mongól e foi o grande arquiteto do novo império. No seu reinado terminou a construção da grande muralha e deslocou a capital de Nanjing para Beijing, onde construiu uma das maravilhas do mundo: a Cidade Proibida.

Zhu Di resgatou o orgulho marítimo e comercial da grande China. Trouxe para o comando de suas frotas de grandes juncos o Almirante Zheng He, eunuco e mongól, muçulmano e servidor da corte do imperador. Zheng He, que fora capturado quando menino por tropas chinesas e castrado para servir na corte do imperador, foi fiel companheiro na revolução contra os próprios mongóis, por isso tornou-se homem de confiança do imperador e foi nomeado para comandar a grande frota marítima. A maior frota marítima do mundo antigo que até hoje se conhece. Zhu Di tencionava levar a cultura chinesa para todo o mundo conhecido, através das rotas comerciais já estabelecidas e, ao mesmo tempo, buscar novas rotas para o ocidente, além da Arábia e da África.

As expedições náuticas dos grandes juncos são as maiores até hoje conhecidas. Consta que Zheng He zarpou da China em 03 de março de 1421, naquela que seria a maior expedição marítima da história, com cerca de 100 navios. Esses grandes juncos, chamados Bao Chuan, eram feitos totalmente de junco e tinham mais de nove mastros e 440 pés de tamanho. A grande expedição tinha como rota inicial o porto de Calicute, sudoeste da Índia, onde de tudo se comercializava. Consta que Zheng He retornou à China em novembro do mesmo ano.

Porém, três dos seus grandes almirantes foram ordenados a seguir viagem. Eram eles Hang Bao, Zhou Wen e Zhou Man. Eles viajaram através do Oceano Índico, comercializaram com as nações africanas, contornaram o Cabo da Boa Esperança. Navegando pelas costas ocidentais da África chegaram à Ilha de Cabo Verde, em Santo Antão. Aí consta que a frota taticamente se separou. Zhou Wen, através da Corrente Equatorial chegou até o Caribe e indo em direção à Groenlândia foi a busca do Pólo Norte. Hang Bao e Zhou Man navegaram para o sudoeste, ancorando na Venezuela, Por seu turno, buscavam as terras do sul, os confins do globo, e o Pólo Sul.

2.2 A SAGA DO IMPÉRIO DO CENTRO DO PARAÍSO

Com a Dinastia Ming a China se estabelece como o grande império do Oriente. Como todo império marítimo a China dominava a navegação e o comércio no Mar da China, estendendo-se até o Oceano Índico nas costas africanas. As grandes explorações de 1421 inserem-se nesse processo. As expedições chinesas, porém, além de expedições comerciais eram de intercâmbio cultural e visavam levar os valores e a grandeza do grande império a todos os povos. As frotas levavam ervas, plantas, animais etc.; para serem comercializados, ou trocados, com outros povos. Os grandes juncos levavam tripulações de centenas de pessoas e cavalos para montaria em terra; os chineses desalinizavam a água marinha para o consumo.

O imperador Zhu Di foi o introdutor de um código imperial, *As Placas da Lei e da Amizade*. Através delas as frotas chinesas levavam os códices da cultura chinesa para os “bárbaros”, os estrangeiros. De acordo com esses códices, influenciados pelo budismo e o confucionismo centenários chineses, o Grande Império Amarelo, a China, se situava no centro do paraíso terreno. A partir dele se irradiava o mundo conhecido. As pretensões de Zhu Di era que a China se tornasse o centro comercial e cultural do mundo.

Zhu Di, porém, faleceu em 1424, três anos após a partida das grandes expedições e no momento em que elas retornavam para o império. Os grandes investimentos endividaram o império e Zhu Di caiu em desgraça. Quando as frotas retornaram os almirantes encontraram uma nação completamente diferente de quando a deixaram. O sucessor de Zhu Di, seu primo Zhu Zhanji (1426-1435), empreendeu outras viagens, bem mais modestas. Até que as grandes frotas declinaram, após a morte do grande almirante Zheng He. Os relatos de viagens, os mapas e todo o material que retornou à China se perdeu em grande parte. Estava aberto o caminho para a conquista marítima do globo pelos europeus, com a contribuição da herança do conhecimento técnico dos chineses.

2.3 A LIBERTAÇÃO DO JUGO MONGOL

Durante o imperiado do pai de Zhu Di, Zhu Yuanzhang, os mongóis ainda dominavam a China com a capital Ta-tu (a capital dos mongóis ao norte) plantada sobre Beijing. Zhu Di tinha apenas oito anos de idade quando seu pai invadiu Ta-tu, em 1368, e expulsou o último imperador mongol da China, Toghon Temur, recuperando Beijing. Ali, de certo modo, começava a nova China.

Zhu Yuanzhang proclamou uma nova dinastia e chamou-a de Ming, porém mantendo como capital do império Nanjing, ao sul, de onde os chineses resistiram historicamente ao poderio mongol. Zhu Di, encantado com tudo isso, presenciou o nascimento da dinastia, que através dele inscreveria na história uma saga sem precedentes.

Quando seu pai morreu em 1398, assumiu o poder não Zhu Di mas seu primo Zhu Yunwen, que iniciou uma campanha sistemática de eliminação dos rivais na corte e dos últimos resquícios de mongolismo no comando dos exércitos imperiais. Não tardou a examinar a possibilidade de eliminar Zhu Di, para garantir a eternidade no trono. Tentou assassinar Zhu Di, que conseguiu fugir abandonando o palácio. Vivendo às escondidas e disfarçado fugiu para o norte e passou a vagar pelas ruas de Beijing. Com ajuda e a companhia de grande amigo Zheng He escapou de inúmeras tentativas de assassinato. Juntou um exército próprio de leais seguidores, tendo Zheng He num dos comandos, e, em 1402, venceu os exércitos de Zhu Yunwen em Beijing e marchou triunfante para tomar Nanjing, de onde fora expurgado da corte.

Zhu Di quando assumiu o poder estendeu o poder aos eunucos, como Zheng He seu grande almirante, terminou a construção da grande muralha, mudou a capital de Nanjing para Beijing e ergueu, em definitivo, a Cidade Proibida, centro de todo poder celestial e imperial da grande dinastia. Então, com o império razoavelmente pacificado e unificado, lançou mão do extenso comércio com as frotas do tesouro, sob o comando de Zheng He. As frotas chinesas voltariam a ser as maiores de todo o oriente, dominando o comércio e os negócios marítimos desde o Mar da China até o sudeste da África e a Austrália.

Estas rotas eram demasiadamente conhecidas pelos chineses. Resta-nos pensar e avaliar, como fez Menzies, que a partir de então as expedições tornaram-se mais ousadas.

Os chineses provavelmente sabiam da existência do oceano além da África, a oeste, conheciam a transposição do Cabo da Boa Esperança. Além disso, conheciam já o norte magnético, pois possuíam já há muito tempo a bússola. Não é, portanto, estranho que a grande expedição de 1421 tenha tido como objetivo não somente o comércio, a cobrança de tributos, ou a expansão dos valores religiosos, morais e éticos do império, mas a busca dos pólos. Ela visava, sobretudo, delinear as remotas regiões do globo, conhecer além do Índico, descrever todo o mundo conhecido e os povos distantes, que pudessem com eles traficar e pagar tributos ao imperador.

CAPÍTULO III

1421: O ANO DO DRAGÃO. O PRESENTE RETOMA O PASSADO

Segundo Gavin Menzies, quatro grandes frotas de juncos partiram para Málaca em 03 de março de 1421, com um total de cem navios. O destino era Calicute, costa oeste da Índia.

Em Calicute o Almirante Zheng He, o comandante em chefe, retornou para a China, chegando no Império do centro em novembro de 1421. Os três grandes comandantes: Zhou Wen, Hang Bao e Zhou Man continuaram a expedição. Viajaram juntos através do Índico, contornaram o Cabo da Boa Esperança e navegaram a costa oeste da África até Santo Antão, Ilha de Cabo Verde.

Em Santo Antão a grande expedição se separou: Zhou Wen, através da corrente equatorial oeste, navegou até o Caribe; Hang Bao e Zhou Man navegaram em direção sudoeste, ancorando na Venezuela. Zhou Wen acabou perdendo nove navios da frota na costa de Porto Rico, por causa de um furacão. Menzies aborda que foi neste momento que a frota deixou sobreviventes em Cuba e Rhode Island.

A partir de então ele toma uma rota surpreendente. Em vez de retornar, seguiu pela costa nordeste da América até Greenland, em busca do Pólo Norte. Lá dividiu sua frota para retornar à China: enquanto uma parte retorna pela rota de Açores e Cabo Verde; a outra, comandada por ele, toma o rumo nordeste, através do Estreito de Bering, circunavega a Groenlândia e retorna para a China.

Enquanto isso, Hang Bao e Zhou Man chegam à América do Sul. Zhou Man comanda a nevegação pela costa sul, a costa brasileira. A expedição faz paradas em vários locais. Neste momento, o que Zhou Man e Hang Bao buscavam era o Pólo Sul e a passagem do Atlântico para o Pacífico, o Estreito de Magalhães, quase cem anos antes de Fernão de Magalhães, que iria dar o nome a passagem; que os chineses chamavam então de Rabo do Dragão.

Quando chegam na embocadura do Estreito, eles dividem a frota. Hang Bao, buscando o Pólo Sul, chega em South Graham Land, em más condições climáticas. Navega pelo Mar de Weddel e atraca na Ilha de Kerguelen. A partir de então toma rota sudeste e navega em direção à Austrália; faz uma parada forçada em Bumbury,

onde a frota perde três navios. A partir daí ele volta para à China através do Oceano Índico, pelo Mar da China, onde ainda chegaria a perder mais três barcos.

Enquanto isso, Zhou Man, após inúmeras paradas de reconhecimento e contato na costa brasileira e argentina, rompe a embocadura do estreito, pega as Correntes Humboldt e Sul Equatorial, navega pelo Pacífico e chega ao Peru. Toma a direção sudoeste e navegando pelo Pacífico Sul chegando às Ilhas Marquesas, ao Arquipélago de Tuamotu e Ilha Norfolk. Faz uma parada na Austrália, assim como Hang Bao, porém navegando em direção contrária. Estima-se que tenha atracado ao norte de Newcastle. Na grande ilha da Austrália monta uma frota e uma tropa de reconhecimento em terra, uma por mar, outra por terra. Viaja para o sul, na Ilha Campbell perde um navio.

Depois de reconhecido e “mapeado” o local decide retornar para a China. Na aventura de retorno perde mais dois navios na Nova Zelândia, quatro ainda na Costa Australiana, em Brisbane. Porém, em Gympie atraca para minerar antimônio e ouro, minerais já conhecidos e utilizados pelos chineses. Toma a direção norte. Neste momento, Zhou Man divide a frota em duas “pequenas” frotas. E ultrapassam a Grande Barreira de Recifes, duzentos e cinquenta anos antes do Capitão Cook. Param na Terra de Arnhem para minerar chumbo e urânio.

A partir de então Zhou Man toma uma decisão impressionante, conforme nos relata Gavin Menzies. Ele, em vez de voltar para casa, toma o curso noroeste, com a Corrente Kuroshido, ou Corrente Japonesa, e volta para a América, que tanto o impressionara. Faz paradas no Canadá, especialmente na Ilha de Vancouver, navega em direção sul estabelecendo comércio com os nativos e fundando colônias no Pacífico: do Canadá ao Peru. Somente depois retorna pelo Oceano Pacífico para a China.

Enquanto Zhou Man realizava toda essa operação na América, Yang Quing, um dos seus comandantes, mantinha-se no Oceano Índico com uma frota de apoio, determinando as longitudes (três séculos antes do cronômetro de John Harrison). Esta frota continha toda a infra-estrutura, a mais moderna, da época; e além de toda a tecnologia que os chineses possuíam, fazia parte dela dezenas de astrônomos que trabalhavam nos cálculos.

3.1 A COMPOSIÇÃO DAS FROTAS E A ASTRONOMIA

Zhu Di quando deu início as grandes viagens mandou construir milhares navios. Entre estes os gigantes Bao Chuan de nove mastros; estes gigantes, chamados de navios do tesouro, eram cerca de quatro vezes maiores que as caravelas portuguesas, chegando a ter 120 metros. Eram os responsáveis pelo armazenamento e condução de todos os bens que seriam negociados com os estrangeiros e, ao mesmo tempo, as riquezas, que como tributos, eram trazidas para Beijing, através do Grande Canal do rio....., outra obra gigantesca de Zhu Di.

A grande “esquadra” Ming comandada por Zheng He era composta de algo em torno de 250 navios do tesouro e cerca de outros 3.500 navios de apoio. Cerca de 1.350 eram navios de patrulha que acompanhavam e davam segurança aos Bao Chuan. Os chineses possuíam ainda bases ao longo do Índico, onde outros milhares de navios davam segurança à passagem das frotas. A armada possuía outros mais de 400 navios de guerra, equipados com canhões e efetivo de guerreiros. E cerca de outros 400 grandes juncos exclusivamente de transporte. Estes levavam grãos para alimentação e troca, plantas e ervas, cavalos e água para os cavalos.

A tripulação era composta de milhares de homens, técnicos e astrônomos que eram responsáveis pelos cálculos de posicionamento das frotas. Faziam parte da tripulação mulheres, concubinas para as tropas e para a negociação com outros povos.

Esta era basicamente a grande esquadra Ming, criada por Zhu Di e com Zheng He como comandante em chefe, cujo objetivo era singrar os mares conhecidos, mapeá-los, intimidar os povos bárbaros, negociar e receber tributos para a grande China; em troca de proteção contra os inimigos e boas relações de negócios. O sistema chinês incluía a cessão de concubinas, riquezas (sedas, porcelanas e outros bens a preços muito baratos) e conhecimento sobre o grande império do centro do paraíso. A estratégia geopolítica de Zhu Di era tornar conhecido em todo o mundo o poder, a riqueza e a magnitude da Dinastia Ming e levar seu nome e do império a todos os cantos da terra, através das Placas da Lei e da Amizade. Para que todos os líderes, reis e imperadores estrangeiros soubessem

quem ocupava o Trono do Dagrão. O imperador cavaleiro e guerreiro, o filho do paraíso: Zhu Di.

As frotas possuíam competentes astrônomos responsáveis pelos cálculos e pela correta estratégia de navegação. Os chineses eram competentes astrônomos e já tinham mapeado grande parte dos eventos celestes. Durante os anos de reinado sobre a China os imperadores mongóis tinham negligenciado todo o acervo de conhecimento astronômico dos chineses. Quando Zhu Di assumiu, porém, restaurou a prática da observação astronômica e seus astrônomos, tão logo, retomaram o mapeamento de mais de 1.400 estrelas, além de poderem prever, com bastante precisão, os eclipses do sol e da lua; que eram importantíssimos para a navegação das frotas.

Um dos métodos que viriam a ser conhecidos na idade média é a determinação da longitude através do eclipse lunar e da observação do ângulo da sombra do sol. Método há muito utilizado pelos chineses. Este método, no entanto, somente passou a ser utilizado na Europa após 1415, quando a *Geografia* de Ptolomeu foi trazida para Veneza. Segundo se especula o livro veio através de bizantinos, que fugiam dos turcos-otomanos. Deste modo, infere-se que os árabes, por exemplo, já conheciam a geografia de Ptolomeu bem antes dos europeus. Na *Geografia*, Ptolomeu descreve este método, atribuído a Hiparcos, que fala da sua utilização já em 330 AC.

Os chineses, por seu turno, já tinham observatórios. Menzies cita que o primeiro observatório chinês é a famosa Torre de Zhou Gong (ainda existente!), na província de Luoyang; e havia sido edificada 700 anos antes do Século XV. A torre era equipada com uma Clepsidra (relógio de água) e um Gnomon. Nela se podia observar a passagem das estrelas no meridiano local e se mensurava o ângulo da sombra do sol e os eclipses lunares. Assim julgar os chineses tinham um conhecimento astronômico bem desenvolvido, com isso podiam determinar a “exata” localização do império. E partir daí determinar a localização de outros pontos no globo, observando os eclipses lunares, para estabelecer as longitudes, em diversos pontos da terra.

3.2 O FIM DA FROTA DO TESOURO. AS MORTES DE ZHENG HE E ZHU DI

As frotas do tesouro de Hang Bao, Zhou Wen, Yang Qing e Zhou Man fizeram durante esse período seis viagens e estiveram por mais de cinco anos no mar. Zhou Man, provavelmente, percorreu toda a costa brasileira e a peruana. De acordo com Menzies todas essas viagens foram documentadas. Porém, após a morte de Zhu Di em 1424, as viagens declinaram e documentos foram destruídos. Iniciava-se uma nova era na China imperial, o que ficava para trás era um ciclo passado e inaugura-se o renascimento de um novo tempo.

O mandarim que à época comandava o Ministério da Guerra chinês era Liu Daxia; e foi ele que ordenou a destruição dos documentos. Dos quais restaram pouquíssimas informações, que impingem enormes dificuldades ao se mapear essa saga dos orientais.

Zhu Di terminou de construir a cidade proibida, reconstruiu o grande canal e terminou a grande muralha. Foi o reformador da China medieval, numa aliança com os eunucos, seus homens de confiança. Além de tudo promoveu esse fantástico ciclo de navegações, que, quando devidamente resgatado, se constituirá numa das maiores epopéias marítimas da história humana. Tudo isso, no entanto, endividou o império e trouxe turbulências internas. Nem os tributos pagos pelos países estrangeiros ao império e os lucros comerciais das frotas do tesouro amainaram as dívidas e os custos que se concentravam, ainda, na proteção das fronteiras do norte. As hordas mongóis ainda aterrorizavam o império, sob o signo do antigo conquistador Kublai Khan.

Zhu Di ainda fazia uma última investida na região norte da China contra as hordas mongólicas, em fins de 1423. Os custos desta empreitada frustrada, as perdas materiais e humanas seriam um duro, e definitivo golpe, para o grande imperador. Com a sua morte em 1424, e a morte de Zheng He, encerra-se esse período glorioso.

CAPÍTULO IV

A EUROPA TOMA O LEME

Os portugueses vieram a colonizar a Ilha da Madeira somente em 1421, com as suas incipientes caravelas, heranças das embarcações mouras. A primeira família a chegar à ilha foi a de João Gonçalves Zarco. Nesse tempo, sob o reinado do príncipe Henrique, introduziram na ilhota as vinhas e a cana-de-açúcar, ambas trazidas da Ilha de Creta. O sucesso conseguido com essas primeiras experiências criaria um modelo de ocupação colonial, que faria sucesso nas futuras colônias portuguesas, como o Brasil. A exploração da madeira, para vários fins, e a introdução do cultivo de cana.

Por esse tempo, a China já possuía uma experiência de centenas de anos em exploração dos oceanos e participava de um comércio marítimo mundial, que tinha seu centro nevrálgico no oriente. A Europa, recém saída das amarras do sistema medieval, se fazia agora aos mares. Mas, ocorre-nos uma pergunta. De onde tiraram Portugal e Espanha, sobretudo, a capacidade técnica e o conhecimento, para agora se aventurarem às conquistas marítimas?.

Devemos lembrar que os Mouros colonizaram a Península Ibérica por quase 700 anos. E deixaram como herança todo o conhecimento técnico e as infra-estruturas necessárias para a expansão dos “irmãos” ibéricos. Enquanto a Europa ainda era medieval, os Mouros e Árabes, e os Chineses, eram extremamente avançados para a época.

Enquanto a mentalidade supersticiosa ainda existia em Portugal, até o início do século XVI, os árabes e os chineses já haviam experimentado um grande avanço técnico e navegado por todos os mares e portos conhecidos da época. O geógrafo árabe Al Barouwi, já em 1315, tinha cartografado o norte e o leste da África, do Atlântico até Zanzibar. Baseado nos trabalhos de Ptolomeu, Hama Allah Moustawfi Qazami produziu, em 1340, um Mapa Mundi. Os árabes também já possuíam, segundo Menzies, uma enciclopédia da Ásia em 1391. O mundo navegável e os portos de maior importância do mundo da época eram na Ásia. Veneza e Florença ainda eram as portas de entrada para o comércio terrestre no continente europeu, donde se adentrava na Europa, chegando até o interior do continente.

As centenas de anos que os Mouros estiveram na Península Ibérica parecem não ter sido vãos, do ponto de vista do legado cultural. Os portugueses herdaram as caravelas e as técnicas de navegação dos mouros. Quando o príncipe Henrique, o navegador, se centra em Sagres, para lá já ocorriam “especialistas” de todo mundo na arte da navegação: europeus de nascimento, árabes, judeus e asiáticos. Os árabes foram os responsáveis por trazer à Portugal e Espanha um avanço no comércio e todo um modo especializado de lidar com a produção e o comércio marítimo. Foram eles que introduziram o cultivo de arroz irrigado na região de Algarve e o cultivo de milho no Alentejo. Deve-se aos árabes também a introdução do algodão e da cana-de-açúcar.

Quando então, após a expulsão dos mouros e a unificação dos reinos de Castela e Aragão e de Portugal, os portugueses e os espanhóis se lançam às viagens marítimas. Zhu Di, o grande imperador Ming, e Zheng He, o grande almirante, já haviam morrido. O império Ming, em crise, em fins do século XV cessa todas as navegações das frotas do tesouro, a documentação é queimada sob as ordens expressas da nova dinastia. Que inaugura uma nova era, sem as viagens caras do seu antecessor. As luxuriosas frotas desaparecem quase que sumariamente. Enquanto isso, na decadência dos grandes tempos heróicos de navegação dos árabes e chineses, os europeus iniciam, a partir do legado oriental, as suas conquistas dos oceanos e continentes. O legado dos orientais iria ser mais importante do que se imagina. No rastro do conhecimento técnico e dos mapas orientais os europeus desenvolveriam uma “indústria” eficiente de navegação e conquistariam os continentes distantes, dominando o comércio, e a expropriação, marítimo em “todo” o globo.

4.1 O APRENDIZADO: MAPAS E ROTAS MARÍTIMAS

Ao que consta, um dos primeiros contatos diretos entre os europeus e a frota do tesouro foi através do veneziano Nicoló da Conti, em 1421. Extraordinariamente ele estava na cidade de Calicute, Índia, quando lá atracou a frota. Nicoló, um mercador, havia aprendido árabe e casado com uma mulher muçulmana. Por isso, mercantilizava como um muçulmano e chegou à Índia em 1420. Anos mais tarde, em razão de ter abandonado o cristianismo, o Papa Eugênio IV obrigou-o a relatar

para o secretário papal Poggio Bracciolini suas viagens. Nesta descrição Nicoló relata o encontro e a visão da fantástica frota dos chineses.

Para Menzies as cartas náuticas e os mapas chineses, com o declínio das viagens em 1424, foram gradativamente sendo trazidas para a Europa e a cartografia europeia foi sendo enriquecida. De posse destas informações os cartógrafos europeus, de gabinete, desenharam cartas com localidades ainda não exploradas por eles. Assim, quando portugueses, espanhóis, ingleses e franceses se aventuram a essas regiões (conhecidas somente pelos chineses) puderam conhecê-las e designá-las conforme sua própria nomenclatura cartográfica.

Um dos primeiros mapas a evidenciar esse argumento de Menzies é o de Fra Mauro, feito cerca de trinta anos antes de Bartolomeu Dias, em 1487/1488, circunavegar o Cabo da Boa Esperança. No mapa de Mauro o cabo é chamado Cabo do Diabo. Fra Mauro ainda redigiu algumas notas no rodapé do mapa, no qual relata que em torno de 1420 juncos haviam contornado o cabo em direção ao atlântico. Para Menzies a exatidão com que Mauro delineou a África e o Cabo só era possível de posse de uma informação anterior.

Outro mapa relatado por Menzies é o famoso Kangnido. Encontrado na Universidade de Kioto, Japão, o mapa é tido como uma cópia de um mapa antigo feito pelos chineses ou coreanos. Acha-se provável que um embaixador coreano tenha presenteado Zhu Di, em 1403, com este espetacular mapa do mundo. Neste mapa a África já aparece inteiramente delineada. O que provaria o conhecimento, tanto das costas orientais, como ocidentais do continente. Se assim for, os orientais já conheciam e sabiam muito bem do Atlântico. Deste modo, já tinham a noção de uma navegação eficiente pelas costas ocidentais do continente negro.

Uma informação preciosa dada por Menzies é que em torno de 1556 um historiador português Antonio Galvão escreveu um trabalho (encontrado por Menzies em Veneza na Itália) no qual relata que em 1428, Dom Pedro, filho mais velho do rei de Portugal, viajou por diversos países e chegou à Terra Santa. Lá comprou um mapa do mundo extraordinário. Nele estavam delineados com grande precisão o Cabo da Boa Esperança e, o mais incrível, o Estreito de Magalhães, com a denominação Rabo do Dragão. Seria um original, cópia ou réplica de um mapa chinês do mundo?!; já com a América traçada. Para Menzies, de posse destes

mapas e dessas informações os portugueses, sobretudo, puderam fazer suas navegações.

É importante lembrar que nesse período a busca de novas rotas para à China, por causa da seda, e à Ilha das Especiarias, Índia, era uma obsessão, e uma necessidade comercial européia. Isto por um simples motivo: em dezembro de 1421 a rota terrestre da seda tinha sido bloqueada e tomada pelos turcos otomanos, coincidindo com a tomada de Bizâncio. No mesmo período os turcos tomaram o Egito e nacionalizaram a rota das especiarias. Então, com a rota terrestre da seda e o canal entre o Mar vermelho e o Nilo fechado não havia saída para os cristãos europeus: ou descobriam uma nova rota marítima para o oriente, ou se punham ao dispendioso combate aos turcos otomanos.

Os mapas chineses, segundo Menzies, desse modo, foram uma “descoberta” extraordinária dos europeus. Com eles puderam encontrar o caminho das Índias pela rota africana, através do Cabo da Boa Esperança, navegando pelo sul e adentrando ao oriente longe das turbulências das rotas convencionais. E, conseqüentemente, descobriram novas terras como a América. Enquanto a China se fechava e adormecia junto a seu conhecimento milenar. Os chineses teriam sido então mais importantes para a conquista européia do “mundo” do que dimensionamos.

CAPÍTULO V

ERAM OS DEUSES ORIENTAIS?

5.1 ÍNDIOS E CHINESES NA AMÉRICA MERIDIONAL

5.1.1 QUEM FOI ZHOU MAN?

Zhou Man era um dos comandantes eunucos da frota que circunavegou a América. É provável que tenha até atracado na costa brasileira, e mais ainda, é provável que tenha tido contato com os Tupi do litoral.

Os expedicionários chineses faziam também o “ intercâmbio ” cultural. Teria Zhou Man tido contato com os Tupi e tentado lhes passar informações, conhecimentos?; teriam esses conhecimentos sido incorporados depois ao cotidiano e aos mitos indígenas tupi-guaranis?. E, então, perpassados através das rotas culturais de contato dos índios, como o “ Caminho ” do Peabiru. Que relação semântica podemos encontrar entre o mito do Pa’i Sumé, ou Zumé?; Seria a designação Zumé, Sumé, uma corruptela de Zhou Man?. Para nós, esta especulação pode não trazer a verdade (não é o que tencionamos), porém pode contribuir para o estudo do tema.

5.2 O MITO DE YVY MARÃ EI (A TERRA SEM MALES)

Resumidamente o mito Tupi-Guarani da Terra Sem Males diz o seguinte: Nhãnderu (vuçu), de Nhãnde=nosso, Ru=senhor, Deus, pai e Uçu=grande teria dito a Guiraypoty que a terra acabaria em fogo. Para evitar isso Guiraypoty deveria dançar e cantar o canto sagrado, Ñheengaraim. Ele cumpriu a obrigação.

A terra, no entanto, começou a pegar fogo. Guiraypoty pegou sua mulher e tomou o caminho do leste, passando pela grande serra (a Serra do Mar?); pois, segundo o próprio Deus previra, era além dela, no leste, que estaria a terra da salvação. Guiraypoty constrói então uma casa para se abrigarem do fogo e da água, já que para apagar o fogo Nhãnderu (vuçu) inundou a terra. Para se salvarem da

água Guiraypoty e sua mulher pediram ajuda aos pássaros, que os levaram às portas do céu.

Para os Guarani, portanto, a Terra Sem Males está no leste, no sol nascente. O leste é o ponto cardinal de referência dos Guarani, assim como é o norte geográfico para nós. Quando queremos delimitar os pontos cardinais, aprendemos que o modo de fazer isso é olhar para o norte, à nossa frente, para onde nosso rosto aponta. Por consequência, à nossa direita está o leste, o oeste à esquerda e o sul em nossas costas. Eis que para os Guarani é completamente diferente. Para eles a referência é o leste, em direção à Terra Sem Males, que está além do mar.

Por isso, os Guarani se referem ao leste como Ñanderováí = em nosso rosto; e ao oeste Ñandecupépy = em nossas costas.

Curt Nimuendaju recolheu um relato de um velho guarani, no qual ele diz que antigamente os sepultamentos eram feitos em pé, com o sepultado olhando para o leste, (ou sudeste) para o sol nascente. Por isso, a Terra Sem Males também pode chamar Ñanderováí, em nosso rosto, à nossa frente. Para onde devemos caminhar em busca da terra do senhor, além do mar. Que terra é esta além do mar?. De terra fina e amarela que irá nos alegrar.

5.3 UMA HIPÓTESE

Se Zhou Man aportou na América teve contato com os Tupi. Não podemos esquecer que trazia com ele a cultura como doutrina. Essa doutrina era Budista, já com uma forte influência muçulmana. Em razão disso, pode bem ser que tenha contactado os Tupi (ou os Incas nas costas do Pacífico) e tentado lhes passar essas doutrinas. Inclusive já com a idéia de um deus único e criador, que se seria maior que todos os deuses dos panteões silvestres. Os padres jesuítas, nos primeiros contatos com os índios, se surpreenderam ao ouvir deles que já conheciam algumas doutrinas do Deus deles - os jesuítas também vieram pelo mar, pelo leste -; e que fora Pa'i Sumé, ou Zumé, que lhes havia deixado tais ensinamentos. Além disso, conheciam algumas ervas e tubérculos, como o cultivo da mandioca, e que também fora Pa'i Sumé que os ensinara.

Que relação poderia haver entre Zhou Man e Zumé, ou Sumé. Não teria o navegador chinês, se aqui aportou entre 1421 e 1423, deixado essas influências na

memória coletiva de povos ágrafos, cujo imaginário é tão importante para a manutenção do grupo, onde a ligação com o passado é fundamental para o processo do conhecimento. Memória e realidade eram a mesma coisa para estes povos. E o mito faz parte da memória histórica. Teria Zhou Man virado um mito?.

Existe a hipótese de que Zhou Man aportou no Peru e teve contato com os Incas. A notícia dessa figura estranha, vinda do além mar, e misteriosa aos olhos dos nativos americanos pode ter perpassado gerações. As referências dizem que Pa'í Zumé era branco e muito grande. Como eram os eunucos, como Zhou Man. As disfunções hormonais causadas pela castração tornavam esses homens enormes, gordos e grandes. Como ocorre com os animais que são castrados, assim ocorria com os humanos. As lendas e os contos populares viajavam através do Caminho do Peabiru, por exemplo, a rota principal que ligava quase todo nosso território a inúmeros ramais, chegando até a Bolívia e o Peru, junto aos Incas e outros povos andinos. Essas informações lendárias podem ter se solidificado no imaginário dos Tupi-Guarani. Seria natural que os índios vissem numa figura, para eles quase bizarra, uma materialização de presságios míticos, uma presença miraculosa e fantástica.

5.4 O PEABIRU

Ensejamos também dar uma pequena contribuição quanto ao estudo da palavra Peabiru. O que se põe como uma contribuição aos estudos do Caminho do Peabiru.

Partiremos da abordagem procurando nos concentrar na análise do significante Peabiru junto à língua Tupi-Guarani. O significado, por isso, aguarda que a ciência lhe traga novas luzes e o torne mais compreensível para todos.

O signo para nós, ou o significante, **Peabiru**, pode ser uma corruptela. Quando ouvido pelos europeus é natural que os fonemas e as palavras de uma língua totalmente estranha à européia não tenha conseguido comunicar seu sentido pleno. Ao se referir a Peabiru os índios apontavam, claro, para o que era um caminho, porém esse caminho tinha para os índios um sentido mais pleno, do que aquele que podia entender o europeu. Para os europeus o nome referia-se, tão

somente, a um caminho, um elemento físico no espaço, cuja grafia não se sabia qual. E tão pouco interessava.

Para os índios Peabiru era muito mais do que o próprio caminho; possuía, além da confirmação de uma realidade, o sentido mítico, imemorial. O caminho não era somente algo no espaço para trânsito de pessoas e coisas, mas um elemento cultural, uma reminiscência da memória, da cultura popular. Revestido de uma significância tal qual o balaio, o arco e a flecha, ou os cantos. O caminho estava contido no todo: que é a cultura, com as variantes materiais e imateriais.

Assim, parece-nos que tendo em conta o mito da Terra Sem Males, por exemplo, a busca do reino de felicidades além mar, para o leste. O Peabiru, além de rota de transumância, era o caminho real, ao mesmo tempo mítico, que levava para o leste, em direção a *Yvy Marã Ei*, a Terra Sem Mal.

Deste modo, **Pé'a, ou Peva**, pode ser o pronome demonstrativo esse, o, ou a, utilizados quando se referem às coisas materiais, presentes. **Yvy**, terra, mundo, o lugar. E **Ru**, a partícula posposicionada para pai, senhor, deus. Veja-se, por exemplo, que **Ñhãnderu**, formando o substantivo deus, senhor, o pai de todos, faz-se pela contração entre o pronome possessivo **Ñhande**, nosso (a), com **Ru**, senhor, pai. Portanto, Ñanderu, nosso pai, substantivado designa o nome do próprio Deus, sintetizando o mito em símbolo lingüístico.

Assim, em função desta análise, Peabiru, a nós pode vir de **Pé'a – Yvy – Ru (Peabiru) =** a terra do senhor, ou o caminho à (da) terra do senhor. Que nada mais quer simbolizar o caminho que leva, conduz, a um lugar sagrado, santo. Onde “mora” o próprio deus, ou melhor, profetizado, abençoado por ele, e onde se encontra a felicidade almejada. A terra sem infortúnios, a lar do pai protetor, a terra sem nenhum mal.

5.5 O CAMINHO DO CÉU

Ocorre-nos, também, que o professor Germano Afonso, em seus trabalhos sobre a astronomia guarani, nos dá uma exemplo singular. Para na verdade nos expressarmos melhor, o caminho é muito melhor explicado através da cosmogonia dos Guarani. Para Germano o caminho teria o traçado da Via-láctea (o Caminho da Anta para os Guarani), portanto, um tanto inclinado, cuja direção é mais

sudeste-noroeste-noroeste-sudeste, sem começo, nem fim, mas compondo um todo. E porque a relação com a Via-Láctea?. Porque, para Germano os mitos guaranis estão associados com céu e se estendem à vivência do povo na terra. Os Guarani possuem um rosa-dos-ventos, na qual os quatro pontos cardeais são representados pelos quatro deuses: Tupã, Jakairá, Karaí e Werá. E os colaterais as quatro esposas. Portanto, tinham, e têm, os índios um astronomia.

A Via-Láctea é, portanto, o caminho dos deuses e está projetada na terra. Por isso, como abordamos acima o Peabiru é o caminho à terra do senhor. Porque como projeção do céu é a reminiscência da Via-Láctea, onde, para os índios, o universo começava e acabava. E no entorno dela estavam todas as constelações com nomes indígenas: homem velho, Anta, Ema, Cobra, Veado, etc..

Se projetada na terra, diz Germano, Antares, a constelação guarani da Ema, dá num ponto bem próximo de São Francisco do Sul, Santa Catarina. E Aldebaran, a constelação do Homem Velho, se projeta bem em cima de Potosi, na Bolívia. Ou seja, a trajetória da Via-Láctea no céu, tendo constelações como referências essenciais, tem a mesma trajetória, principal, do caminho na terra: o Peabiru. Então, parece-nos coerente a explicação do Peabiru como o trajeto, projetado do céu, à terra sagrada. Desse modo, o mundo material dos Guarani era uma projeção do mundo espiritual, cósmico. E Zumé, Sumé, uma anunciação sacra que veio de um dos pontos onde o mundo acaba, ou começa: do mar, ou das montanhas dos Incas. Seria Zumé, Sumé; Zhou Man?.

CONCLUSÃO

Para nós está claro que existe uma cisão profunda entre a história oriental e a ocidental. Quando nos referimos à Europa como o velho mundo, evidentemente isto tem certa lógica, comparando-a a América. Que ficou conhecida nos anais da história colonial como novo mundo. Mas esta referência deixa de ser clara quando comparada a Europa à Ásia, ao Oriente Médio ou à África. Não nos referimos a presença ancestral dos povos no planeta, mas as influências culturais recíprocas.

A Ásia e a África, nos parece, influíram muito mais na Europa e, conseqüentemente, no decorrer da formação dos Estados ocidentais do que se admite. As grandes civilizações orientais e africanas se constituem em berço civilizatório. Através dos grandes impérios antigos, sobretudo Grécia e Roma para os ocidentais, a Europa recebeu inúmeras influências desde os séculos pré-cristãos até a aurora do renascimento. Influências hoje muito difíceis de serem delimitadas. As civilizações do Vale do Tigre e do Eufrates, como os caldeus e os babilônicos, são as primeiras – até onde atualmente se conhece – a sistematizar a escrita e a proporem códigos sociais de convivência. A mitologia caldeia, segundo alguns autores, teria influído na teologia judaica. Encontram-se semelhanças profundas entre o panteão de divindades caldeias e a descrição bíblica. Para alguns mais ousados isto não estaria muito recuado no tempo: Moisés teria lido textos caldeus nas bibliotecas egípcias e reproduzido-os em textos bíblicos.

Embora encontremos uma cosmogonia particular em quase todos os povos antigos, inclusive as civilizações americanas pré-colombianas, como os Guarani, a astronomia árabe se constitui em base da astronomia moderna. Os povos que se desenvolveram nas orlas do Pacífico e ao sul e oriente do Mediterrâneo, como os Egípcios e os Fenícios, foram exímios navegadores e comerciantes. Contribuíram, sobremaneira, para o desenvolvimento da indústria náutica e o surgimento de rotas comerciais. O comércio entre Europa e Oriente, a necessidade de especiarias e produtos orientais, especializou a indústria humana o comércio e fez surgir a burguesia comercial europeia. A classe burguesa europeia de comerciantes e banqueiros, por seu turno, contribuirá - como financiadora e compradora, inclusive - para o desenvolvimento das artes na Europa. O impérios gregos e romanos contribuíram imensamente para a formação cultural europeia. As cidades

modernas, pós-idade média, são a consumação dos modelos políticos e jurídicos romanos. Os conceitos de civilização, de indivíduo e a ilustração grega e semítica. E estes dois impérios, Grécia e Roma, foram os eixos de interconexão entre o ocidente e o oriente.

Deste modo, desde as primeiras abordagens de nossa pesquisa, tínhamos como intuito indireto discutir essa cisão histórica entre oriente e ocidente, especialmente para a América, herdeira, filha, da colonização comercial e cultural européia. E traçar possibilidades de relações pouco conhecidas. Para nós, ocidentais, o oriente é como algo distante, exótico, inatingível, misterioso: como se o Meridiano, imaginário, de Greenwich nos separasse em dois mundos, dentro de um único mundo – terra -. As interferências culturais, no entanto, parecem enormes, porém de difícil mapeamento, recuadas, ou escondidas no tempo. Muitas publicações e documentações, porém, jazem nos arquivos, nas bibliotecas e sob o solo.

Ao tomarmos como objeto direto de nossa pesquisa o trabalho de Gavin Menzies, *1421 – The Year China Discovered America*, procuramos analisar a tese proposta pelo autor da descoberta chinesa da América, antes de Cristóvão Colombo. Nessa trilha nos deparamos com muito mais informações do que pensávamos. Crentes de poder aproximar essas teses do Brasil, dado a possibilidade de circunavegação da América do Sul por parte de uma frota chinesa, encontramos algumas possíveis relações com os índios do Paraná, que foram abordados no capítulo V, *Índios e Chineses na América Meridional*.

Longe de intentarmos a verdade, ou uma verdade absoluta, nosso trabalho somente procura contribuir para com os estudos dos descobrimentos, explorando (diríamos até ousadamente) essas pesquisas inovadoras: como a de Menzies e tantas outras. Por outro lado, acreditamos que as pesquisas em história já não podem prescindir do auxílio de outras ciências, como a geografia, a arqueologia, a astronomia e tantas outras, pois elas permitem estudos mais completos ao explorem outros métodos de pesquisa, resgatando, comumente, conhecimentos que, por exemplo, saltam do campo de mitologia para o de fato histórico. Esperamos, enfim, que o trabalho se coloque como uma contribuição a mais e que outros também usem estudar autores como Menzies, enriquecendo o acervo de estudos sobre a América e seus povos.

GLOSSÁRIO

ÁRTICO – próprio da região do Ártico; extremo norte do planeta.

CÓDICES – espécie de manuscrito que prescreve conhecimentos, leis e regras morais.

CORRUPTELA – distorção de um signo lingüístico, falado ou escrito.

COSMOGONIA – conhecimento da relação entre os mitos dos povos e o universo.

EUNUCO – homem castrado; no oriente servia de guarda de haréns, pajem ou serviçal da corte.

GÊNESE – formação dos seres e coisas. Origem, geração.

HISTORIOGRAFIA – relativo à documentação e às pesquisas em história.

JUNCO – planta herbácea utilizada pelos povos da Ásia e da América andina.

ÓTIMO Climático – período pós-glacial, com diminuição e estabilização do clima.

PÓS-Colombiano – depois da chegada de Cristóvão Colombo à América.

PRÉ-COLOMBIANO – relativo à América antes da chegada de Cristóvão Colombo, 1492.

SETENTRIONAL – lugar, local situado ao norte. Definição geográfica.

ULTRAMARINA – região além do mar, terras dos limites marinhos de um país, ou continente.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Germano. **Estações no Céu Tupi-Guarani**, Artigo, Etnoastronomia, Revista Scientific American, São Paulo, 2005.
- BRETSCHNEIDER, Emil. **Fu – Sang, or Who Discovered America**, Paris, 1870.
- BURKE, Peter. **A Descoberta Chinesa da América**, Artigo, Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 26.07.1998.
- REVISTA CADERNOS DA ILHA. **O Fascinante Caminho do Peabirú**, Revista, Edição n.º 2, Florianópolis, SC, 2004.
- CARDOSO, António Pereira. **Navegações dos Chineses**, Academia da Marinha, Lisboa, 1996.
- COLUMBUS, Christopher. **Title Concerning Islands Recently Discovered in the Indian Sea - Introduction Added by Aliander de Cosco**, English Version, 2004.
- D'EICHTHAL, Gustave. **Étude sur les Origines Buddhiques de la Civilisation Américaine**, Paris, 1865.
- EKHOLM, Gordon. **A Possible Focus of Asiatic Influence in the Late Classic Cultures of Mesoamerica**. American Antiquity, January, 1953.
- GUASCH, Antonio. **El Idioma Guarani – Gramática Y Antología de Prosa Y Verso**, Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch” – CEPAG, Assunción, 1996.
- GUIGNES, Joseph de. **Recherches Sur les Navigations des Chinois du Côte de L’Amérique et sur quelques Peuples situés à L’Extrémité Orientale de L’Asie**, Paris, 1761.

HARTZ, Bill. **Gavin's Fantasy Land – 1421.**, Text, USA, 2005.

HEYERDAHL, Thor. **Kon-Tiki.** Rand MacNally & Company, USA, 1950.

IBGE, **Atlas Geográfico Escolar**, 2ª. Edição, Rio de Janeiro, 2004.

LELAND, Charles Leland, Karl Friedrich Neumann, Huishen, Barclay Kennon and E. Bretschneider. **FU – SANG, or the Discovered of America by Chinese Buddhist Priests in the Fifth Century**, London, 1875.

LEVATHES, Louise. **The Year China Ruled the World**, Cambridge University Press, 1994.

HUAN, MA. Ying-yai Sheng-Lan: **The Overall Survey Of The Ocean's Shore**, J.V.G. Mills, Cambridge University Press, 1970.

MEGGERS, Betty J., Clifford Evans and Emilio Estrada. **Early Formative Period of Coastal Ecuador. The Valdavia and Machalilla Phases.** Smithsonian Institution, Washington, 1965.

MENZIES, Gavin. **The Year China Discovered América**, Bantom Press, London, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Atlas Histórico Escolar**, Rio de Janeiro, 1960.

MITCHEL, J. Leslie. **Os Grandes Exploradores**, Tradução Brenno Silveira, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1956.

NEWMANN, Karl Friedrich. **Ost-Asien und West-Amerika nach Chinesischen Quellen aus dem Fünften, Sechsten und Siebenten Jahrhundert**, Munich, 1861.

NIMUENDAJU, Kurt. **Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes**, Edição Fac-Similar Adaptada do Original de 1944 pelo IBGE/Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Colaborador Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento; Instituto de Terras Cartografia e Florestas, Universidade Federal do Paraná e Secretaria de Estado da Cultura. **Atlas do Estado do Paraná**, Imprensa Oficial do Estado, Curitiba, 1987.

RIVET, Paul. **As Origens do Homem Americano**, Tradução Paulo Duarte, Editora Anhambi, São Paulo, 1958.

SOBEL, Dava. **Longitude: A Verdadeira História de um Gênio Solitário que Resolveu o Maior Problema Científico do Século XVIII**, Ediouro Publicações, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1996.

VINING, Edward P. **An Inglorious Columbus: or Evidence that Hwui Shan and a Party of Buddhist Monks from Afghanistan Discovered America in the Fifth Century AD**. New York, 1885.

WANG, Gungwu. "Fei Hsin" in L. Carrington Goodrich and Chaoying Fang, **The Dictionary Of Ming Biography**, Columbia University Press, 1976.

WEAVER, Muriel Porter. **The Aztec, Maya and Their Predecessors: Archeology of Mesoamerica**. New York: Seminar Press, 1972.

WOOD, Francis. **Marco Polo foi à China?**. Tradução Betina Von Staa, Editora Record, Rio de Janeiro, 1995.

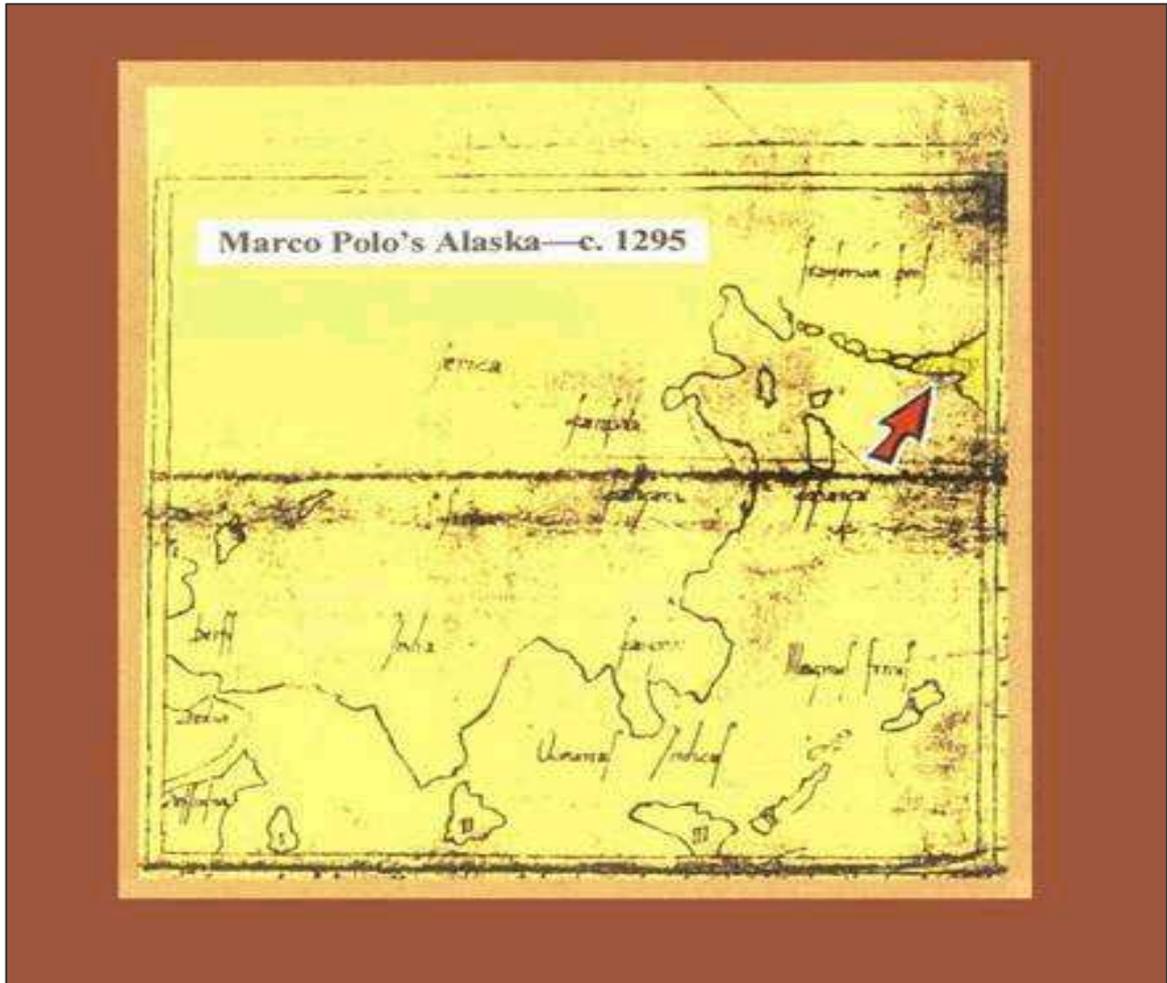
ZHENG HE'S VOYAGES SYMPOSIUM. **Papers**: Pre-European Cartography of the NE and NW passages; The First Public Announcement and Presentation of the Remains of Pre-European Chinese Settlement on the East Coast of North America by Paul Chiasson; Using the Ship Between Solar and Sideral Time to Measure Longitude by Robert W. Cribbs; Yuan Dynasty Foundation of Zheng He's Voyages by

Gunnar Thompson; Zheng He's Inheritance – Chinese Charts of the Americas from Ming back to Xia by Charlotte Harris Rees. Library of Congress, Washington/DC, USA, 16.05.2005.

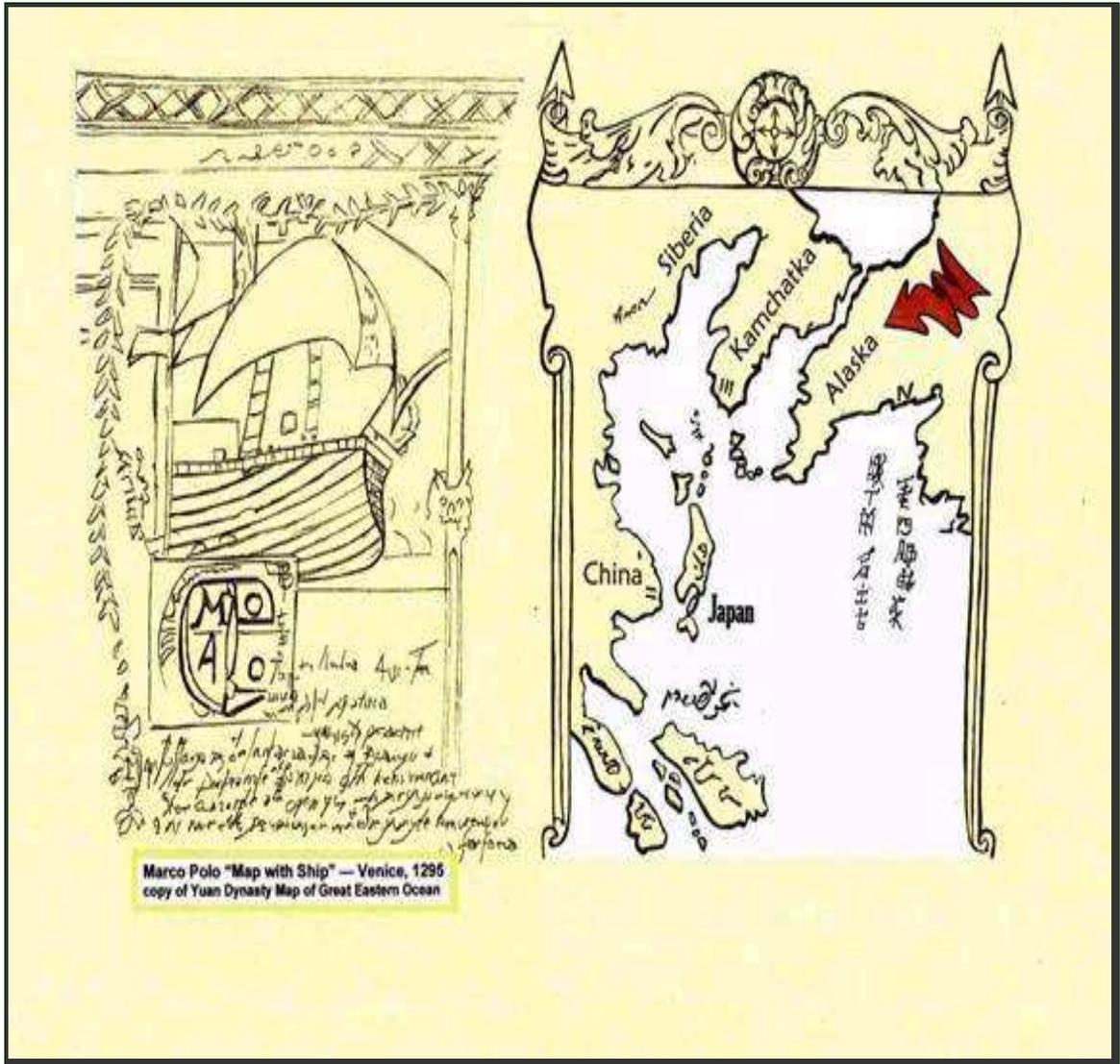
ANEXOS

CAPÍTULO I

MISTÉRIOS DO ALÉM MAR

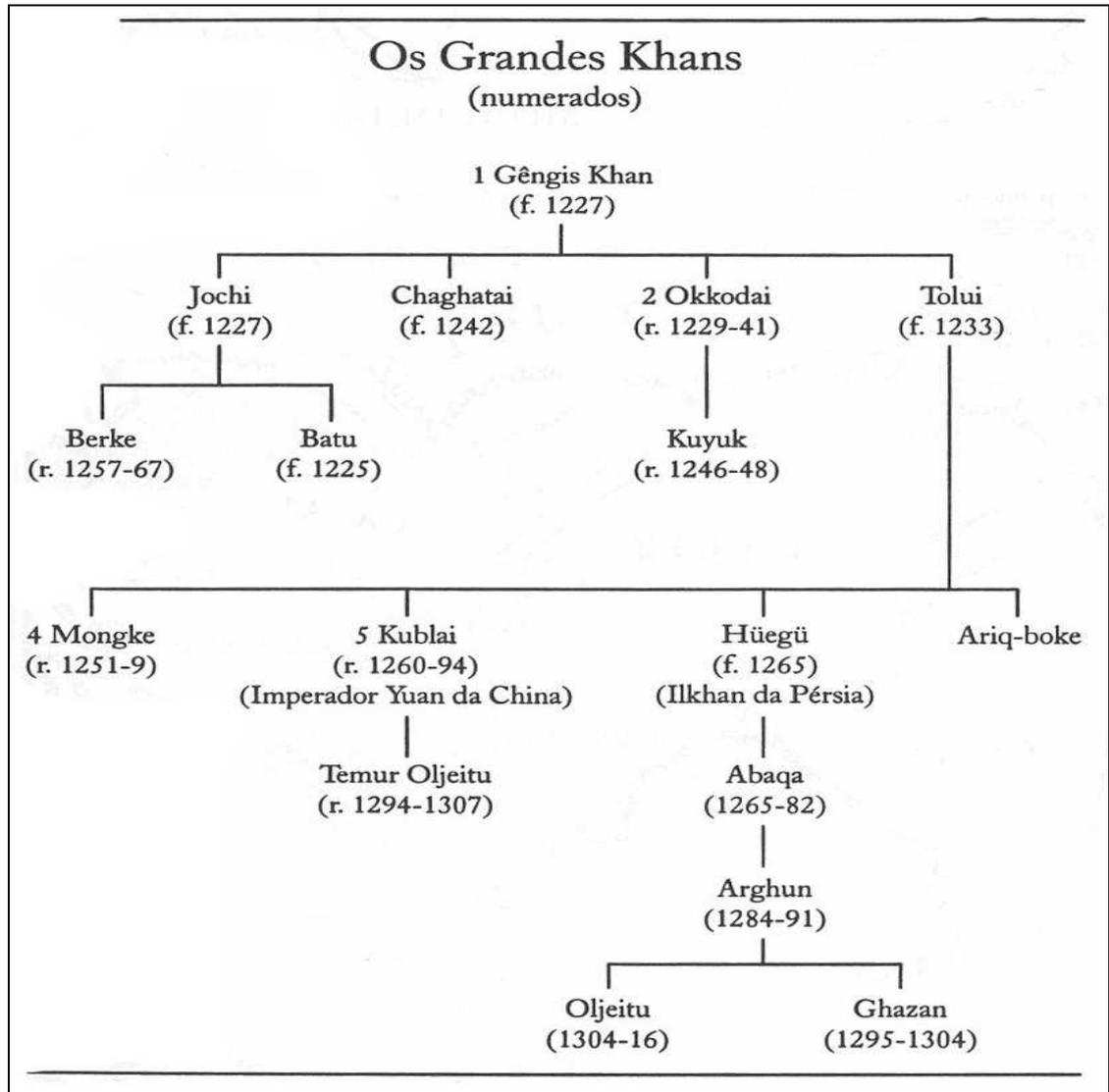


Mapa da dinastia Yuan atribuído às viagens de Marco Polo
Fonte: Gunnar Thompson



Mapa atribuído a Marco Polo

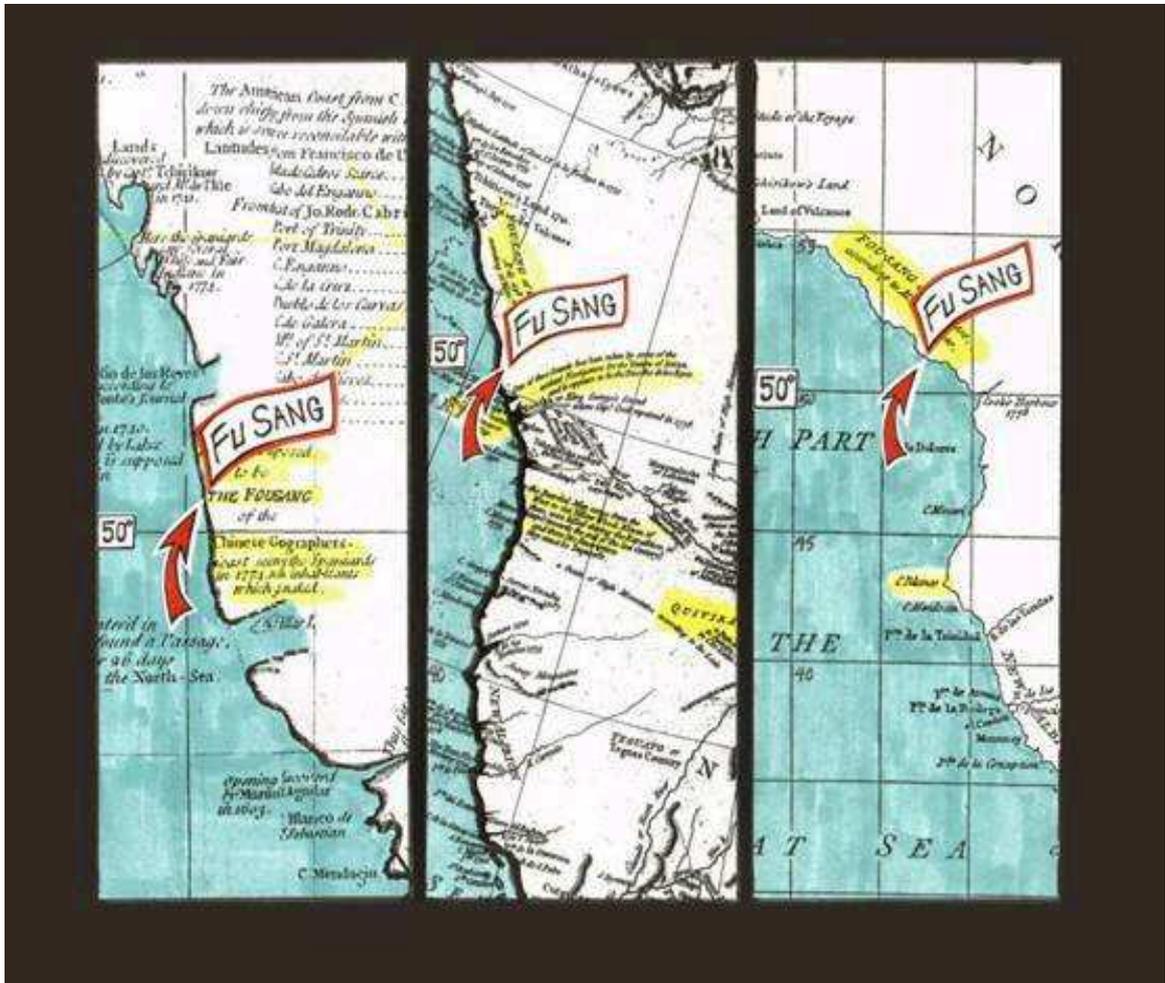
Fonte: Gunnar Thompson, *Marco Polo's Secret Voyages to the New World*



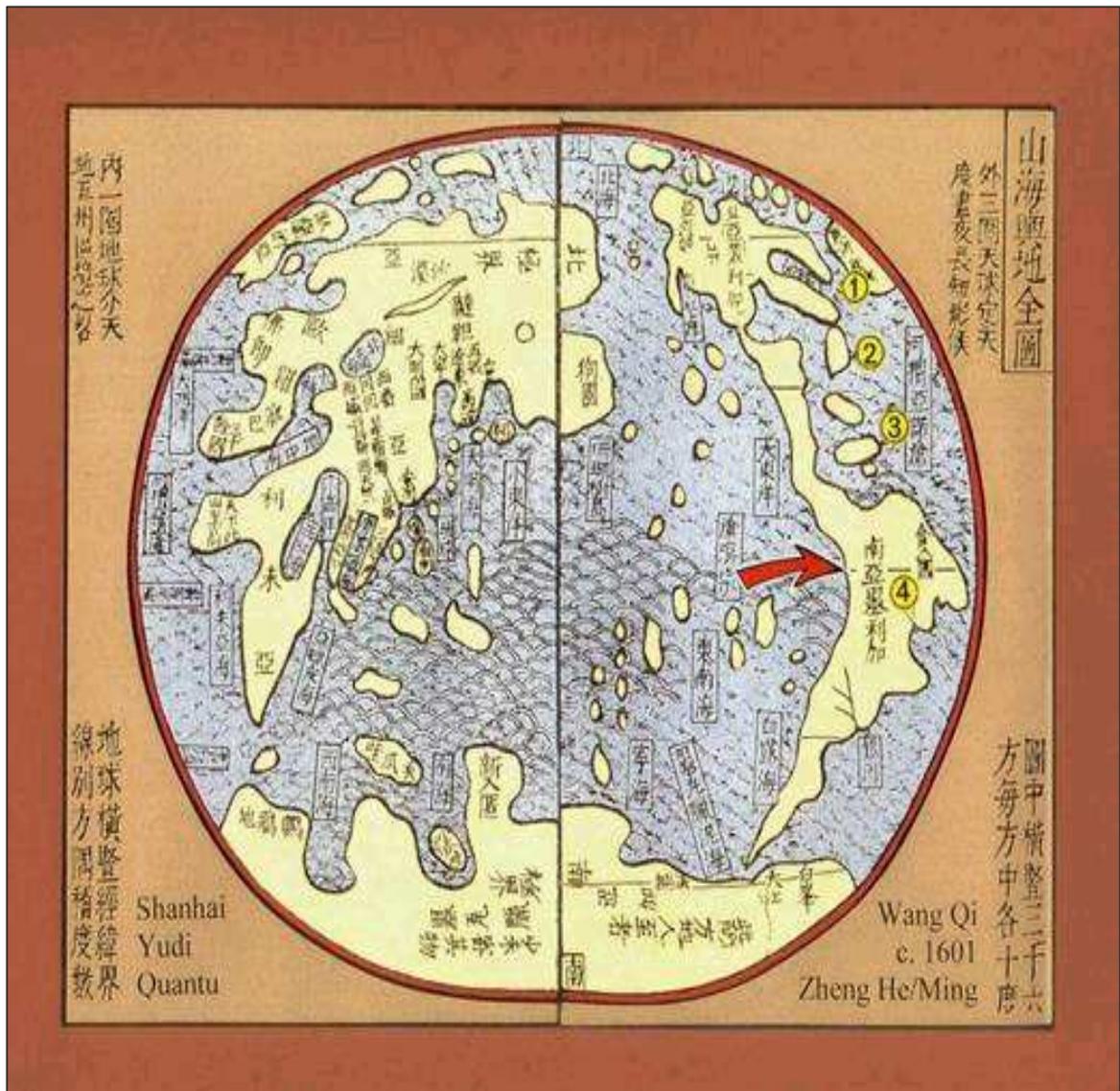
Fonte: Frances Wood, *Marco Pólo foi à China?*

CAPÍTULO II

OS “ESTRANGEIROS” NA AMÉRICA



Mapa francês ou inglês, século XVIII, mostrando a mítica ilha de Fu-Sang
 Fonte: Gunnar Thompson

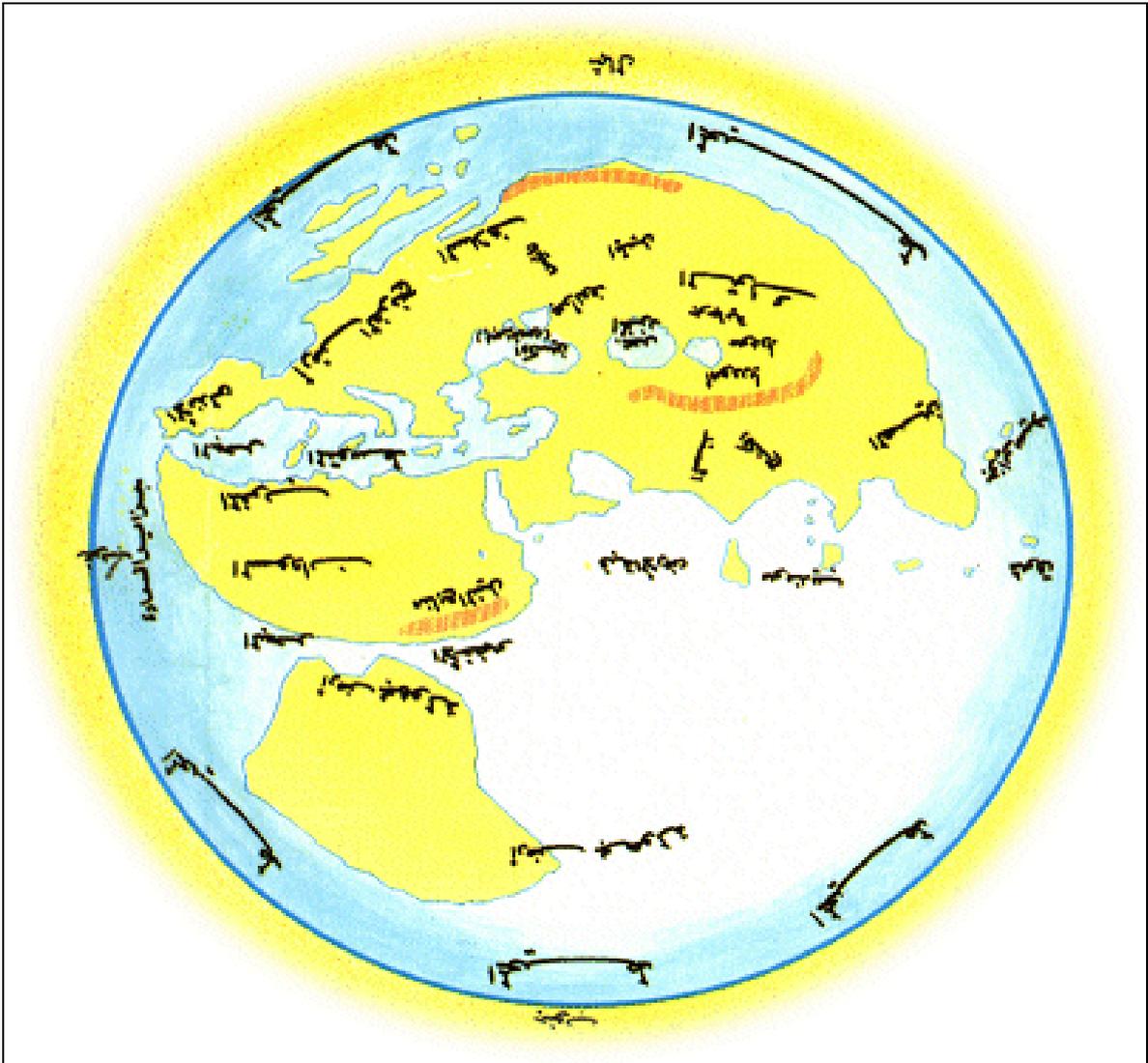


Mapa: cópia do século XVI de mapa chinês, supostamente de Zheng He
 Fonte: Gunnar Thompson



Estátua de um templo hindu segurando uma espiga de milho. Utilizada como Planta medicinal na Índia. No Século XV havia plantações na costa de Malabar para as expedições de Zheng He.

Fonte: Gunnar Thompson

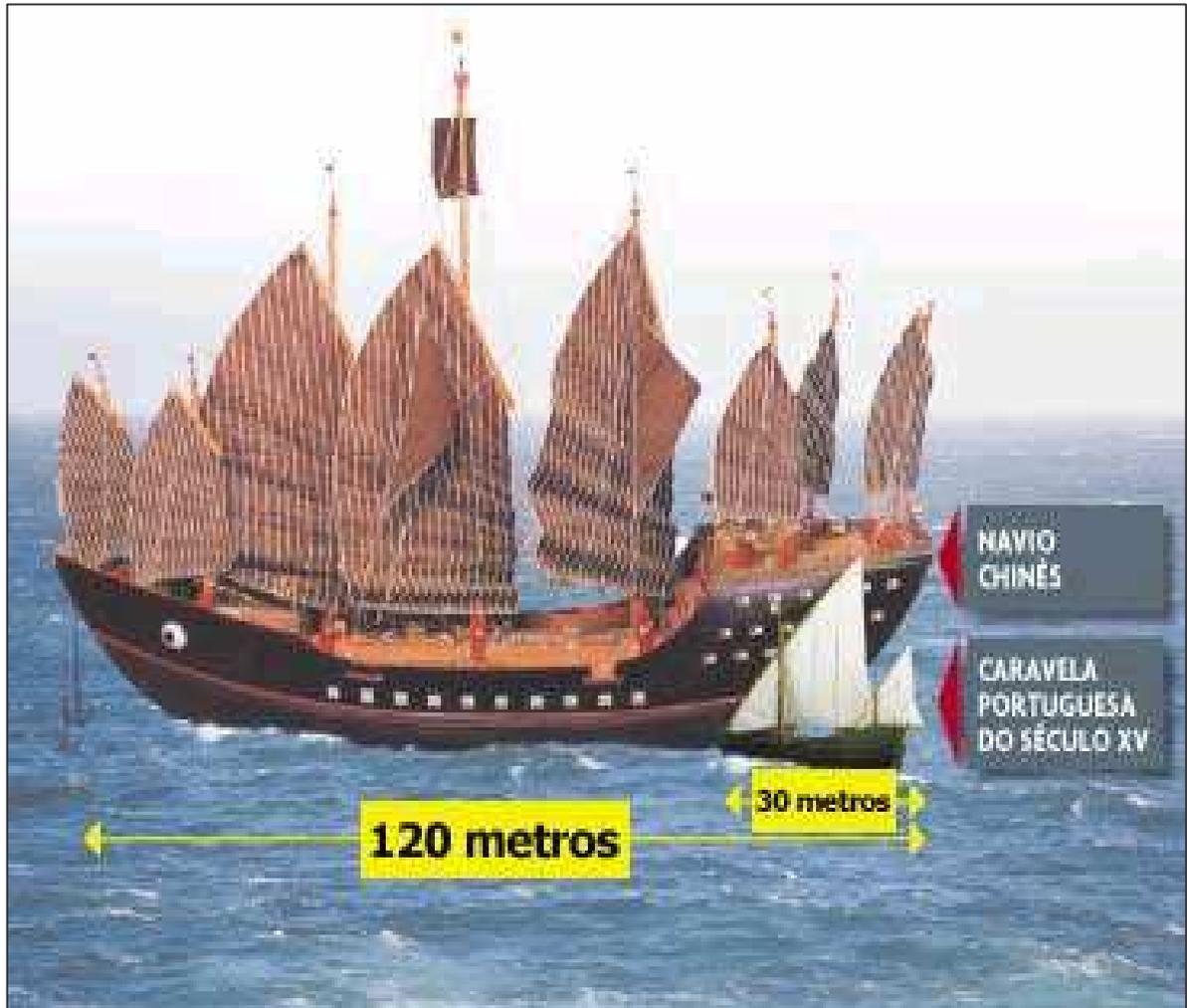


Mapa do mundo de Al Masudi (871-957 DC)

Fonte: Abdullah Hakim Quick, *Deeper Roots: Muslims in the Americas and The Caribben from Before Columbus to the Present.*

CAPÍTULO III

1421: O ANO DO DRAGÃO



Comparação dimensional: Junco chinês x Caravela portuguesa

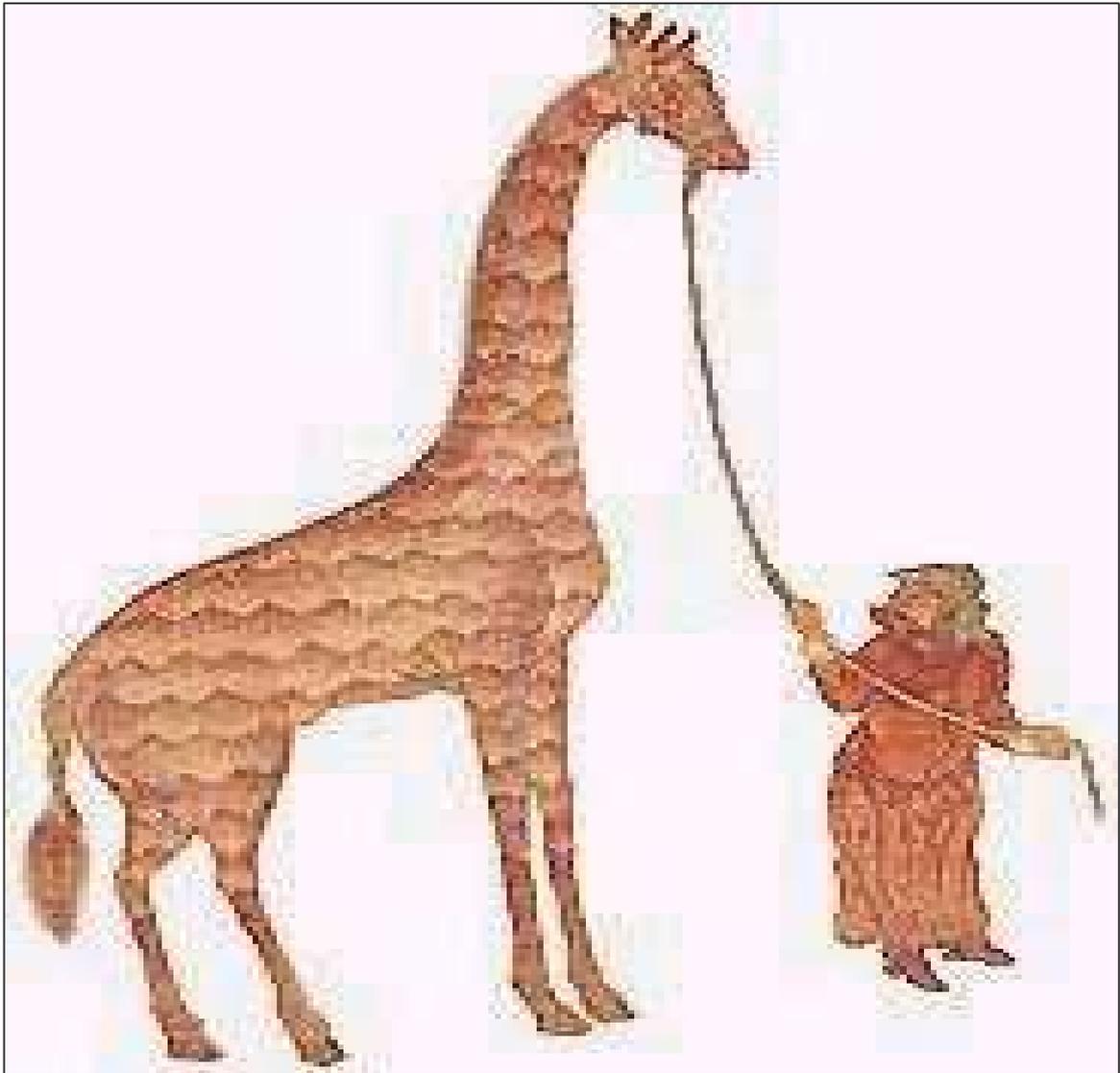


Almirante Zheng He
Fonte: Gavin Menziens, *1421 - The Year China Discovered America*



Imperador Zhu Di (Yong Le)

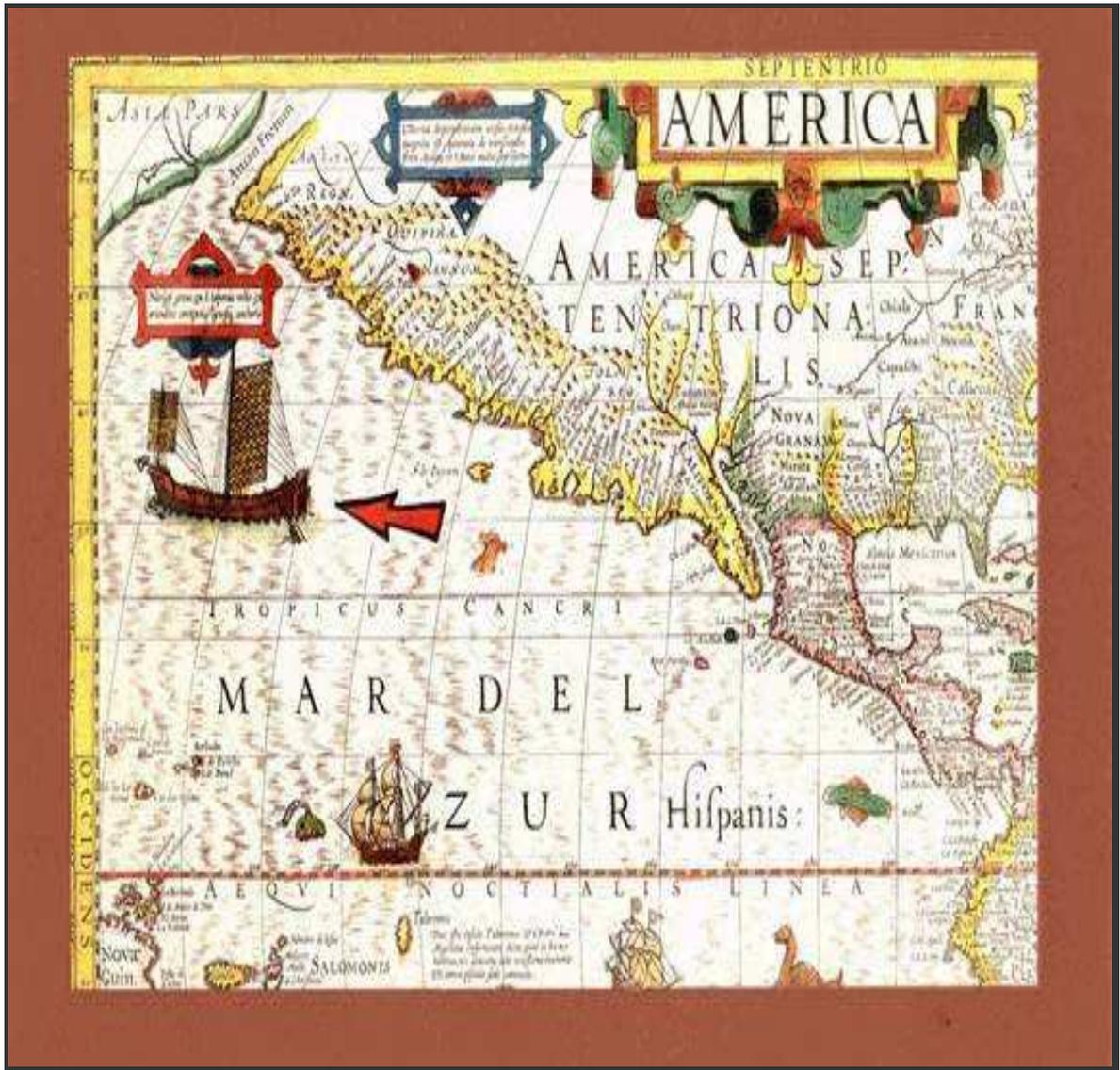
Fonte: Gavin Menzies, 1421 – *The Year China Discovered America*



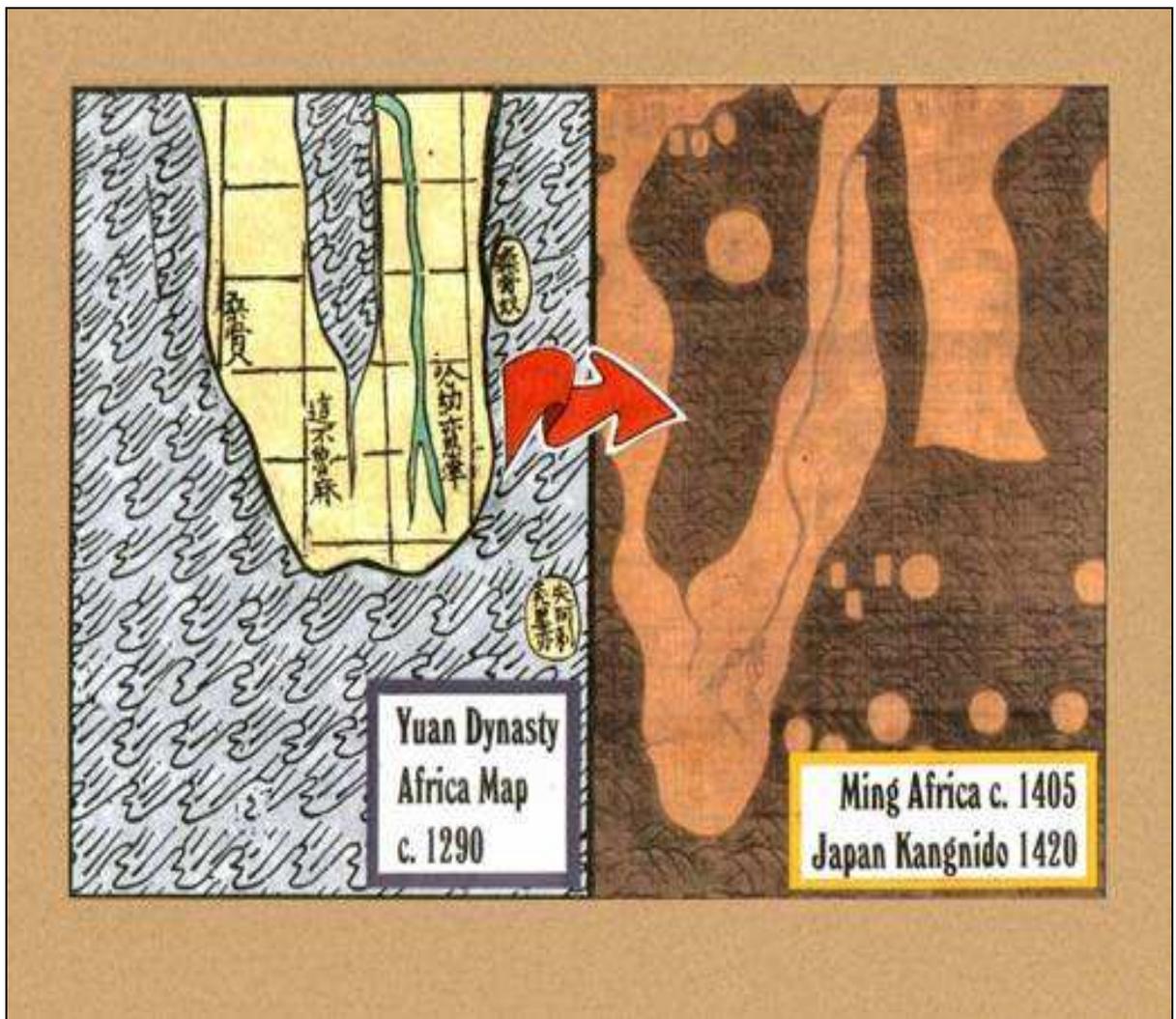
Girafa presenteada pelos africanos ao Imperador Zhu Di
Fonte: Gavin Menzies, 1421 – *The Year China Discovered America*



Mapa do mundo atribuído a Zheng He (1418)
Fonte: Gavin Menzies, 1421 – *The Year China Discovered America*



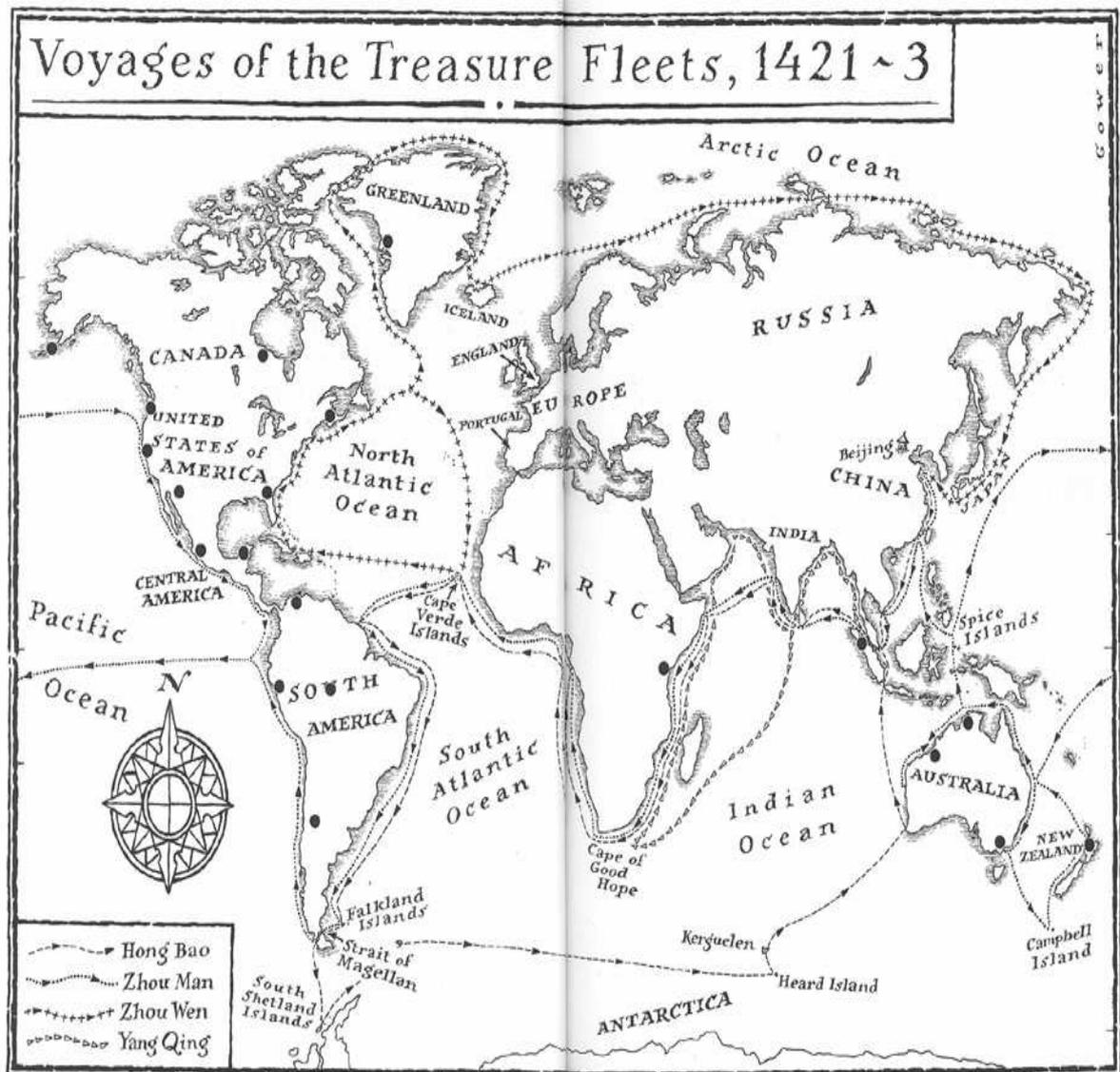
Mapa de Jodocus Hondius, século XVII, mostrando um junco japonês na costa pacífica da América.



Comparação mapa da Dinastia Yuan e Dinastia Ming
Fonte: Arquivos de Gunnar Thompson



Protótipo de antiga bússola chinesa



Rotas de Hang Bao, Zhou Wen, Yang Qing e Zhou Man (1421-1423)
 Fonte: Gavin Menzies, *The Year China Discovered America*

DINASTIAS CHINESAS	PERÍODO	DURAÇÃO anos
Xia	2183 – 1600 - AC	583
Shang	1600 – 1028 - AC	572
Zhou	1030 – 256 - AC	774
Qin	221 – 207 - AC	14
Han	206 AC / 220 - DC	14
Três reinos	220 – 280 - DC	60
Jin	265 – 420 - DC	155
Dinastias do Norte e do Sul	386 – 589 - DC	203
Sui	589 – 618 - DC	29
Tang	618 – 907 - DC	289
As cinco dinastias	907 – 960 - DC	53
Dinastia Song do Norte	960 – 1126 - DC	166
Dinastia Song do Sul	1127 – 1279 - DC	152
Yuan (Mongol) Época de Kublai Khan	1271 – 1368 - DC	97
Ming	1368 – 1644 - DC	276
Qing	1644 – 1911 - DC	267
República	1911 – 1949 - DC	38
República Popular da China 1º/10/1949	1949.....	57 até 2006

Quadro: José Luiz de Carvalho

Fonte: Louise Levathes, *When China Ruled the Seas*

CAPÍTULO IV

A EUROPA TOMA O LEME



Mapa de Piri Reis (América na parte de baixo)

ALGUMAS INVENÇÕES CHINESAS	DESCRIÇÃO
Pólvora e Foguetes de Bambu	Dinastia Tang (618-907 DC). Utilizados como bombas no século XVII.
Bússola	Os navios chineses se orientavam por bússola, já em períodos anteriores a idade média europeia. Zheng He as utilizava.
Macarrão	Antiquíssimo. Estima-se que Marco Pólo o tenha trazido à Europa.
Ferro	No século VI já processavam o ferro.
Relógios	Possuíam um antigo relógio d'água, com ciclos a cada 15 minutos.
Ábaco	Estima-se que seja uma invenção chinesa.
Medicina	Há 2 mil anos criaram os primeiros conceitos. Sheng Nong foi o primeiro a criar um sistema de tratamento com ervas, o livro foi publicado provavelmente 100 anos AC. Foram os criadores da Acupuntura.
Seda	Até fins do século XVIII os europeus desconheciam o fabrico da seda, inventada pelos chineses muitos séculos antes.
Planetário	O primeiro planetário foi inventado na China.
Papel e a impressão	Utilizados largamente na Dinastia Tang (618-907 DC). O sistema de impressão chinês se constituía de cerca de 80.000 símbolos. O papel e a tinta, porém, foram inventados já na Dinastia Han (206 AC – 220 DC).
Livro	O primeiro livro foi impresso na China em 868. Já na Dinastia Tang (618 – 906 DC) havia lojas de livros “à venda” nas grandes cidades do império.
Industrialização do papel	Havia inúmeras fábricas de papel em toda China, cerca de 350 anos atrás, entre as Dinastias Ming e Qing; antes da revolução industrial iniciar na Europa.
Canhões	Os primeiros canhões eram chineses. Zheng He possuía grandes canhões em seus navios.
Cirurgias	Escavações arqueológicas nas Províncias de Quinghai, Henan e Heilongpiang revelaram crânios com intervenções cirúrgicas há 4.000 anos, datados por C14.

Quadro: José Luiz de Carvalho

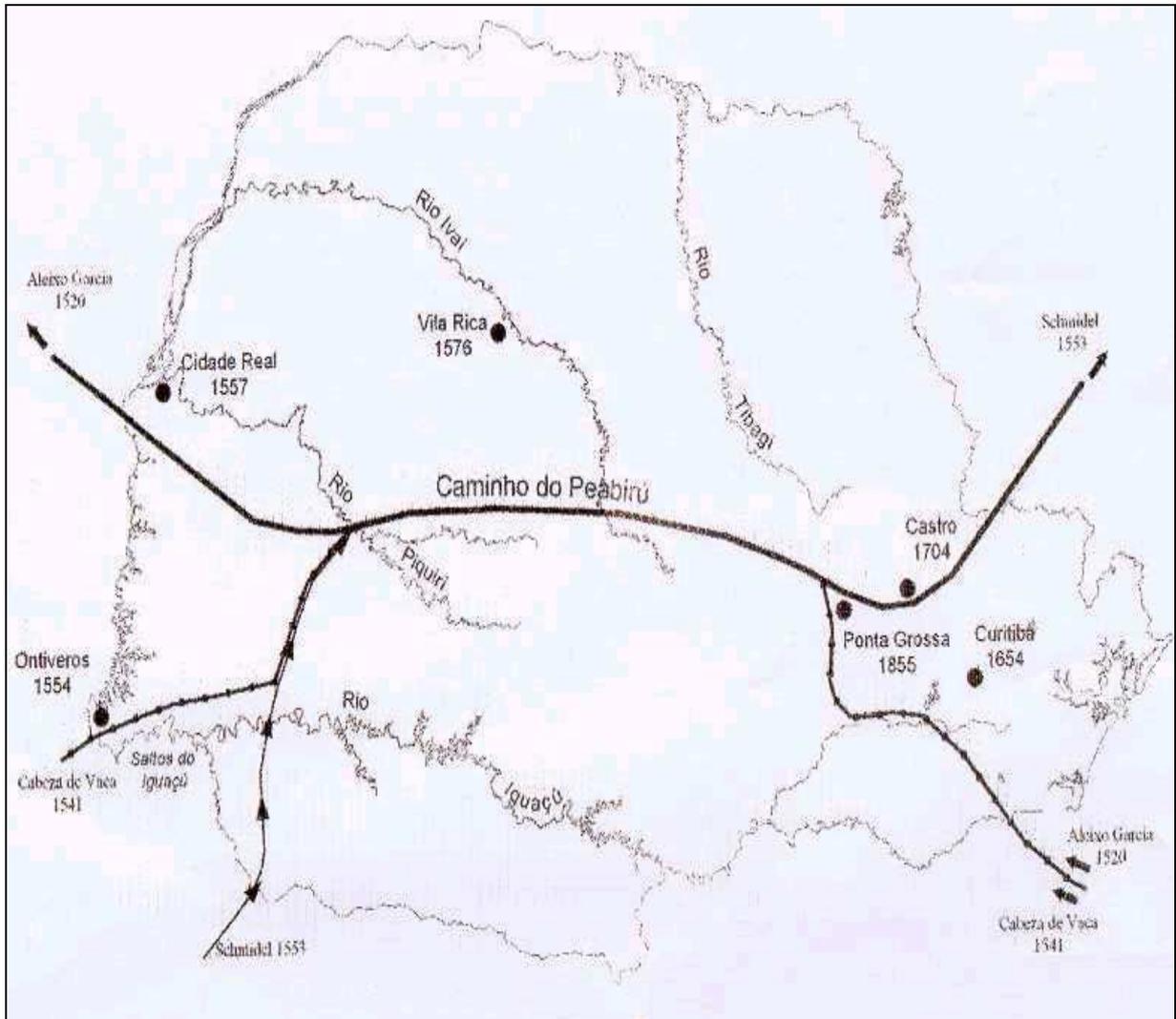
CAPÍTULO V

ERAM OS DEUSES ORIENTAIS?



Tupi e Gê no Paraná (Tupi: amarelo; Gê: verde)

Fonte: Curt Nimuendaju, *Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões adjacentes*, 1944.



O caminho do Peabirú
 Mapa: Henrique Paulo Schmidlin

De: zhenghe@1421.tv
Para: [Jose Luiz de Carvalho](mailto:josecarvalho@seec.pr.gov.br) (josecarvalho@seec.pr.gov.br)
Data: 20/01/2006 - 16:00
Assunto: Thank you for contacting the "1421 team".

Mensagem: Palavras-chave: plain 7bit us-ascii - 1 k

Thank you for contacting the "1421 team".

We are very grateful for your input. With over 1,000 people visiting <http://www.1421.tv> every day there is a lot of correspondence to deal with, and as a result we promise to read all emails sent in, but regret we may not be able to respond immediately to your message. We appreciate your patience in this respect.

Best wishes,

Gavin Menzies and the 1421 team

De: 1421 Team (zhenghe@1421.tv)
Para: [Jose Luiz de Carvalho](mailto:josecarvalho@seec.pr.gov.br) (josecarvalho@seec.pr.gov.br)
Data: 24/01/2006 - 09:21
Assunto: Re: José/Brasil/information

Dear Jose Luiz,

Thank you for your email of 20th January. I'm glad you enjoyed the book and are keen to learn more about this historical event. We are a small research team and rely on people such as yourself who will hopefully carry on this research over the years so that the true history of the world can be uncovered. All the information that we have is put onto our rapidly expanding website, so I suggest you spend your time exploring the evidence section.

There are still a great number of questions to be answered - perhaps you might help us to answer some of them. We have been especially busy here at 1421 HQ, what with the world-wide launch of an important new Chinese map. For more information please visit

I hope you find this interesting.

Best wishes,
Anna Mandy
1421 team

----- Original Message -----

From: [Jose Luiz de Carvalho](mailto:josecarvalho@seec.pr.gov.br)

To: zhenghe@1421.tv

Sent: Friday, January 20, 2006 5:59 PM

Subject: JoséLuiz/Brasil/information

Dear friends,

My name is José Luis Carvalho, I'm brazilian and I live in Curitiba. I'm doing a work as a post-graduation about the chinese discovery of America. When I read the Menzies's book I got enchanted. I'd like to have other information about this incredible chinese adventure and access to new documents about. My intention is to produce a good academic information about the issue. Here in Brazil is rare to find a people who knows it. I believe is extreme important for the America history. I look forward hearing of you.

Best Wishes,

José Luiz Carvalho/ Researcher/ Brasil/Curitiba

De: Ian - 1421 Team (ianhudson@1421.tv)
Para: [Jose Luiz de Carvalho](mailto:josecarvalho@seec.pr.gov.br) (josecarvalho@seec.pr.gov.br)
Data: 07/02/2006 - 15:07
Assunto: Re: 7 minute film/1421 exhibition in Singapore
 Caro Jose Luis,

muito obrigado pelo seu email.

I am glad that you liked our film. I was lucky enough to work out in Singapore for 4 months helping with designing the exhibition, and I then went out for a week in August 2005 to visit and film our handiwork!

Se voce manda-me o seu endereco no Brasil, eu posso enviar-lhe uma copia do filme por correio.

In return we would be delighted to find out more about your research into the Chinese voyages.

Saludos cordiales,

Ian Hudson
 1421 team

----- Original Message -----

From: [Jose Luiz de Carvalho](mailto:josecarvalho@seec.pr.gov.br)

To: ianhudson@1421.tv

Sent: Wednesday, January 25, 2006 2:11 PM

Subject: 7 minute film/1421 exhibition in Singapore

Dear

friends,

I wrote to Menzies' team because I'm doing here in Brazil a work about the chinese voyages. I got enchanted when I read the Menzies' book, the levathes' book and the 1421 web-site. My interest is to study and to spread this important work. Despite of the divergences between scholars, I believe it's new light over the history of America. I'd like to know better about this seven minute film you showed at "1421 Exhibition in Singapore" in 2005. I'd realy like to have this material, so I wanna know if it can be bought or acquired in other ways. If is necessary I can give you my adress, and to pay the manner you dispose. I look forward of hearing of you.

Thank you and best wishes,
 José Luiz/ Historian/Geographer/ Brasil/ Curitiba